

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Setembro-Outubro de 1999



Evangelismo
**Princípio
permanente,
metodologia
em mudança**

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

11 EVANGELISMO:

METODOLOGIA EM MUDANÇA

O princípio do evangelismo é inalterável. Sua prática, entretanto, precisa adaptar-se aos novos tempos.

15 INTEGRAÇÃO MINISTERIAL

Secretários ministeriais, coordenadoras da Afam, presidentes de Campo e professores de teologia participam de concílio em Foz do Iguaçu.



17 ESTRANHOS NA IGREJA

Uma pesquisa mostra o que os visitantes pensam da igreja que os recebe.

20 ELLEN WHITE E O DÍZIMO

Análise de quatro declarações específicas da Sra. White, referentes ao uso do seu dízimo.

26 AS OBRAS DE TIATIRA

A igreja de Tiatira e seu relacionamento com a "Estrela da Manhã".

28 DEUS E O LÍDER CRISTÃO

Lições da experiência do sacerdote Eli, no trato com a Obra que lhe foi designada por Deus.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

15 REPORTAGEM

24 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 – Número 05 – Set./Out. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Helder Roger C. Silva; Ivanando B. Oliveira; José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros; **Capa:** William de Moraes

Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5960/6215

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e do editor, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-000 Tatui, SP

Nossa tarefa inegociável



A suprema missão da igreja foi claramente definida por Cristo aos Seus discípulos: "Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mat. 28:18-20). É uma tarefa indiscutível, inegociável, insubstituível. A Igreja existe para evangelizar. Todas as suas atividades devem estar direcionadas para esse objetivo. Todos os crentes devem ser arrematados, treinados e equipados para o cumprimento dessa missão.

Por natureza e designio de Deus, a Igreja não tem outra alternativa a não ser fazer evangelismo. Pressupondo que Cristo é o centro da vida, mensagem e pregação da Igreja, evangelizar significa proclamá-Lo ao mundo. A Igreja vai contra sua mais recôndita essência e trai sua vocação mais original quando deixa de fazer

a obra de evangelização. Campbell Morgan afirmou que "se a evangelização se separa da igreja é como se ela estivesse se separando de Cristo, deixando, portanto, de ser evangelização".

Mas apesar dessa diretriz, devido às mudanças pelas quais o mundo passou através dos anos, e ao avanço tecnológico, uma questão parece preocupar alguns pastores e até mesmo leigos: É o evangelismo relevante ainda hoje? É bom lembrar que tal questionamento sempre está ligado ao evangelismo público, às vezes olhado com reservas, em confronto com as várias opções hoje existentes de evangelismo pessoal. Não creio, porém, ser o caso de se enfatizar unilateralmente um método; mas avaliar qual método é mais adequadamente aplicável em determinados lugares, circunstâncias e ocasiões. De que maneira podemos utilizar os vastos recursos que a moderna tecnologia coloca à nossa disposição, em ambos os casos? E mais: que pessoas estão especialmente dotadas, e quais foram capacitadas para o exercício de uma e outra atividade?

Falando do ministério de Publicações, Ellen White desaconselha a ênfase unilateral em uma literatura em detrimento de outra. O mesmo princípio se aplica ao evangelismo. Afinal, os dois modelos – público e pessoal – se complementam. Estudos bíblicos nos lares, pequenos grupos, classes bíblicas e distribuição de literatura, por exemplo, servem de apoio ao evangelismo público. Este, por sua vez, injeta sangue novo, combustível humano a tais atividades, além da sua força de penetração em lugares novos, fazendo nascer novas congregações.

Portanto, também nesse caso, a visão equilibrada é fundamental e extremamente salutar.

Embora todos os crentes devam estar envolvidos na missão evangelizadora, a Bíblia também apresenta o evangelismo co-

mo um dom especial concedido a alguns indivíduos: "No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele." (Atos 21:8); "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas..." (Efé. 4:11); "Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério." (II Tim. 4:5).

No Novo Testamento, o evangelista é alguém que vai de lugar em lugar, propagando as boas-novas da salvação, convidando homens e mulheres ao arrependimento e a fazer parte do corpo de Cristo por meio do batismo. O plano de Deus não mudou. Evangelismo é a proclamação de um evento, que homens não podem nem devem evitar, sendo ao mesmo tempo um convite urgente para um encontro pessoal com Cristo. É o "ministério da reconciliação", e o evangelista é um reconciliador, o qual tira a pedra que impede, de modo que possa ser ouvida a voz de Cristo que chama os mortos, em seus pecados, à vida. Evangelismo é o impacto que o Espírito Santo causa no coração humano através do evangelista. É a chama divina da verdade, o fogo de Deus incendiando as vidas com a centelha divina da salvação.

O crescimento da igreja se torna visível quando é usado o dom do evangelismo; e, para o pastor, a procura desse objetivo deve ser suprema. O evangelismo apressa o dia quando o Senhor porá fim ao sofrimento do mundo. Deve ser feito para a Sua glória, pois fazê-lo por qualquer outro motivo o perverte. Sobre esse assunto, Ellen White enfatiza: "Não se deve fazer pouco caso do evangelismo. Nenhum empreendimento deve ser levado a efeito de maneira que faça com que o ministério da Palavra seja considerado como coisa inferior. Não é assim." (*Evangelismo*, pág. 23). – Zinaldo A. Santos.

O desafio da pregação atrativa

MARCELO DIAS

Com o surgimento dos dinâmicos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a internet, a pregação atrativa tornou-se um desafio. Os pastores, em todo o mundo, têm buscado novos meios para apresentar o evangelho de forma profunda e interessante. Usando telões, dramatização, mais música congregacional, entre outros recursos, o Pastor Gregory Paul Nelson, 44, tem liderado com sucesso a igreja do Union College, o mais tradicional colégio adventista dos Estados Unidos, por sete anos. Ele sempre termina as pregações com uma música. Canta e toca ao piano. Aliás, ele toca piano muito bem.

O Pastor Nelson nasceu em uma família de missionários no Japão, em 1955 e viveu naquele país até os 13 anos. Morou mais quatro anos em Guam e cursou o segundo grau em Cingapura. De volta aos Estados Unidos, decidiu por duas faculdades, Teologia e Línguas Bíblicas, no Walla Walla College, no estado de Washington.

Logo após se formar, em 1976, começou o ministério como pastor distrital, tendo trabalhado em três distritos no estado de Washington, e um na Califórnia. Concluiu o seu mestrado em Divindade, na Universidade Andrews, em 1981. Posteriormente, obteve o doutorado em Ministé-rio, no Seminário Teológico Fuller, em 1991. É autor do Livro *A Touch of Heaven - Finding a New Meaning in Sabbath Rest*, publicado neste ano pela Pacific



Pastor Greg Nelson

Press. Tem um CD gravado: *We will find our places*.

Greg Nelson é casado com Cindy. O casal possui três filhos: Vaughn, 18 anos, Natalie, 16 anos, e Julian, 13 anos.

Para falar a respeito da importância e sobre como fortalecer a pregação, *Ministério* entrevistou o Pastor Greg Nelson (entrevista concedida a Marcelo Dias, que estuda Administração de Empresas no Union College).

Ministério: *A pregação passa por um momento difícil ou ainda é possível manter uma congregação atenta?*

Pastor Nelson: A pregação passa por um momento difícil em alguns lugares, mas ainda é importante. Mesmo que haja muita coisa sem sentido sendo pregada, para mim, existe poder no evangelho de Cristo. Toda vez que alguém proclama o evangelho, há poder sendo transmitido para as pessoas. Jesus disse: "E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim

mesmo". Portanto, toda vez que alguém prega exaltando a Cristo, eu não consigo explicar, mas, por esse tipo de pregação, pessoas são atraídas a Jesus e são levadas a mudar seu estilo de vida. Esta é a minha convicção a respeito da pregação: temos que pregar com o objetivo de mudar a vida das pessoas. Uma pregação transformadora. As pessoas devem se tornar melhores, após ouvir o nosso sermão.

Ministério: *A pregação para uma congregação formada principalmente por jovens deve ser ainda mais difícil. Quais as suas estratégias para alcançá-los?*

Pastor Nelson: Para a pregação ser aceita por jovens e, estou descobrindo, para todas as faixas etárias, temos que usar uma variedade de abordagens. Ao mesmo tempo que estamos falando, precisamos ser visuais, e essa é a razão porque eu uso apresentações feitas no *Power Point* e projetadas em dois telões. Elas captam a atenção de pessoas que só aprendem pelo visual. Outro método é usar histórias. A geração atual de jovens aprende primeiramente através de histórias, e essa é uma influência da televisão. Você assiste a uma história em 30 minutos e tem tudo. Normalmente, tento relacionar o material bíblico com histórias. Assim, através da história, procuro passar do nível intelectual para o nível emocional e mostrar quão verdadeiro algo pode ser na vida real. Se você contar uma história a respeito de alguém que tem experimentado a verdade sobre a qual está pregando, isso dá mais credibilidade para o ouvinte. Ele vai pensar que se aquilo funcionou com aquela pessoa, também pode dar certo na sua vida.

Ministério: *O senhor falou sobre recursos visuais e histórias. O que diria sobre dramatizações, apresentações instrumentais ou vocais, pregações com vídeo?*

Pastor Nelson: Para mim, a música pode alcançar o coração de uma forma que a palavra falada dificilmente consegue. A música passa através de todas as barreiras e atinge diretamente o coração. Essa é a razão porque gosto tanto de usar música. É um meio poderoso de comunicar o evangelho, especialmente nos apelos. Por isso, gosto de usar no fim. Você gasta 30 minutos pregando e dizendo: "Isso é muito importante, acredite nisso!" Então a música avança sem barreiras, alcança o coração e diz: "Ok, é assim que você pode experimentar isso." É um poderosíssimo dom que Deus nos deu. A igreja adventista, e esta geração em especial, tem sido dotada com muitos dons. Mas em igrejas onde não existem tantos recursos, a dramatização é um que pode ser usado. Você pode tocar CDs com música. O pastor deve ter esta visão e trazer esses recursos para a igreja, tornando a pregação mais eficaz.

Ministério: *O que é melhor: pregar com ou sem anotações?*

Pastor Nelson: Eu sou um pregador que escreve manualmente o sermão. Sempre tenho na minha frente todo o sermão escrito. E faço assim porque trabalho arduamente procurando várias frases e palavras apropriadas, que seriam difíceis de memorizar. Por isso escrevo todo o sermão, porque quero falar alguma coisa exatamente daquela forma. Para apresentar, coloco os papéis dentro da minha Bíblia, tento estudar o sermão de forma que eu não tenha que ler durante a apresentação, mas ainda assim o tenho ali para usar.

Ministério: *O senhor gosta de pregar séries de sermões?*

Pastor Nelson: Sim. Eu sempre faço isso. Uma das razões é porque cria interesse e curiosidade na congregação. Eles pensam: "como o pastor vai pregar sobre essa idéia, do mesmo tópico, na próxima semana?" Percebi que isso suscita mais interesse pelos sermões. Tenho usado diferentes durações para as séries. Tenho pregado série de oito sermões, mas também fiz uma que levou mais de doze meses. Foi sobre o livro de Gênesis. Abordei os 50 capítulos e essa levou um pouco mais de um ano. Mesmo durando tanto tempo, muitas pessoas gostaram demais das histórias e outras lamentaram quando a série

chegou ao fim. De qualquer forma, acho que não pregaria de novo uma série tão longa. A gente sempre perde o interesse de alguns. A última série que fiz foi de janeiro a abril deste ano, dez sermões, e acho que foi bastante razoável.

Ministério: *Fale sobre seus hábitos pessoais: sua vida diária em relação a leituras, estudos, devoção e passatempos.*

Pastor Nelson: Tenho aprendido que a minha influência como pastor é diretamente proporcional à minha vida devocional, minha relação com Deus. Uma conduz à outra e ambas estão interligadas. O tempo devocional é uma prioridade. Tenho que ter tempo, cada dia, para alimentar o meu coração com Deus. Preciso de tempo para ler sobre diferentes assuntos. Tento estar por dentro do que está acontecendo nos ministérios da Igreja, gosto de ler sobre liderança. E algumas vezes pegar algum texto para ler simplesmente por prazer. Talvez um livro de histórias ou um conto. Isso ajuda a aprender como contar histórias. Alguns desses escritores são muito bons nessa arte e devemos aprender com eles. Como passatempo, eu gosto demais de navegar ou velejar, e andar de bicicleta. Essas são as principais atividades, e obviamente música.

Ministério: *Qual a importância da pregação entre as muitas atividades de um pastor adventista?*

Pastor Nelson: Numa igreja com vários pastores como esta, isso é um pouco diferente, porque temos cada pastor voltado para uma área específica. A minha principal função é liderar e, como líder, uma das maiores responsabilidades é manter a visão. Para onde estamos indo? Aonde Deus quer que vamos, como Igreja? É por isso que a pregação é tão importante; é exatamente aí que você passa essa visão para a congregação. O pastor mostra a direção: "Aqui é para onde estamos indo; aqui é como Deus está nos guiando; isto é o que Deus quer fazer em nossa vida." Para mim, os sermões têm que ser uma prioridade. Eu separo toda quinta-feira e a maior parte de sexta para sentar e ajustar tudo. Costumo usar a época de férias para planejar os meus sermões. Preciso planejar com antecedência os assuntos que estarei pregando no ano letivo, e isso ajuda a preparar uma dieta balanceada para a congregação. Por outro lado, como sei quais assuntos vou pregar durante o ano, tenho mais facilidade para ir colhendo o material, pensando em ilus-

trações, música, etc. Tenho várias outras coisas para fazer além de pregar, mas quero ter certeza de que aquele único tempo, durante a semana, no qual todas as pessoas da minha congregação vão estar disponíveis para me ouvir, não será de forma alguma desperdiçado, e que algo vai ser transmitido que realmente transforme a vida dessas pessoas. E isso exige muito preparo.

Ministério: *Quão fundamental é a pregação no tempo do fim?*

Pastor Nelson: Acho que esse é um componente vital, porque temos membros envolvidos em diferentes ministérios, de acordo com os seus dons, durante a semana. Então, precisamos colher a oportunidade de reunir todo mundo e juntos perguntarmos: "O que Deus tem a nos dizer sobre o que está acontecendo no mundo? Qual a relação do plano de Deus com esse quadro?" Este é o papel da pregação e do louvor: lembrar-nos o lugar de Deus em nossa vida e o que Ele quer de nós. Porque, no dia-a-dia, cumprindo nossas responsabilidades, ouvimos muitas vozes competindo chamando nossa atenção e dizendo: "esta é a realidade; é isso que você deve fazer." E, no sábado, na pregação e no louvor, é a nossa oportunidade de dizer: "Aqui está a realidade, segundo Deus." Especialmente, à medida que nos aproximamos do fim do tempo, mais insistentes e conflitantes se tornam essas exigências e, por isso, mais significativa, poderosa e eficaz tem que ser nossa pregação.

Ministério: *Temos notado na Igreja duas tendências bem distintas: de um lado, os megaeventos (poucos pastores estão envolvidos), e do outro lado, os pequenos grupos (que envolvem principalmente os membros). Como fica a maioria dos pastores distritais, que não está diretamente em nenhum desses métodos mais usados atualmente no evangelismo?*

Pastor Nelson: O pastor distrital é o líder fundamental da Igreja Adventista. O Dwight Nelson, com a NT 98, por exemplo, foi importante, mas não tanto quanto o líder da congregação local. O pastor local através da sua liderança deve prover oportunidade de crescimento espiritual para a sua igreja. Portanto, por um lado, você deve ter os membros envolvidos em pequenos grupos, mas ainda assim o pastor é aquele que disponibiliza diferentes recursos para os membros, de forma que eles recebam o poder do Espírito Santo para o seu viver diário.

Ministério: *O que deveria ser feito para fortalecer o alcance da pregação?*

Pastor Nelson: Muita leitura. Bíblia, livros, Ellen White, muita leitura. Também é importante usar algum tempo para ouvir as pessoas. Isso é o que faço durante a semana. As pessoas vêm ao meu escritório e falam sobre os seus problemas e dúvidas, e essa é a minha oportunidade para ouvi-las. Onde estão as pessoas? Se sei onde estão, e com o que estão preocupadas, posso falar a elas de forma mais adequada no sábado de manhã. Para sermos bons pregadores, primeiro precisamos ser bons ouvintes. Isso significa estar no meio das pessoas. Quando nos mantemos isolados e não sabemos o que as pessoas estão fazendo, ou com que estão lutando, como poderemos ser úteis aos membros? Além disso, assino jornais e revistas para saber o que está acontecendo no mundo e tiro muita coisa para servir de ilustração nos meus sermões. Para ser atual e relevante na pregação, você precisa saber o que está acontecendo.

Ministério: *Qual é a sua receita para ter a igreja envolvida em seus projetos?*

Pastor Nelson: Primeiramente, os membros têm que ser conectados a Jesus. Depois, vão ter o desejo de atuar. Em segundo lugar, é importante ajudá-los a descobrir seus dons espirituais. Quando descobrem, eles sabem como atuar. E em terceiro lugar, procuramos ajudá-los a se integrarem num ministério. A partir desse ponto, estando conectados a uma área ou atividade que utiliza os seus dons espirituais, eles se empolgam com o que estão fazendo. Acho que o objetivo principal do pastor é prover oportunidades para os membros descobrirem o que Deus quer que realizem, quais são os dons que possuem. Portanto, nós os guiamos a Cristo, ajudamo-los a descobrir seus dons espirituais e então os ligamos a um ministério. Aquele programa passa a pertencer a eles, não é mais "uma coisa lá do pastor", e os próprios membros o levam adiante.

Ministério: *Qual o maior desafio para igrejas de colégio?*

Pastor Nelson: O maior desafio é tentar mover um grupo grande de pessoas e ajudá-lo a responder ao ministério do Espírito de Deus. E isso significa mudanças. Mudanças são sempre difíceis, especialmente em igrejas grandes. É como tentar fazer uma manobra com o Titanic; quero dizer, não será muito rápido. Leva tempo. E o desafio é ir manobrando aos poucos,

sob a orientação de Deus, de forma que as pessoas comecem a responder ao Espírito Santo através de sua vida e passem a trabalhar para Ele. Esse é o grande desafio: motivar as pessoas. Temos que criar um senso de necessidade. Ninguém muda se não estiver consciente de que precisa mudar. Ao invés de pedir algo que os membros não podem fazer, passamos a perguntar: "Qual foi o dom que Deus lhe deu?" Isso gera entusiasmo e empolgação. É o que temos visto aqui na igreja College View. Pouco a pouco estamos mudando, todos juntos, e as pessoas se envolvendo cada vez mais.

Ministério: *Quais as vantagens e desvantagens de ser pastor por muito tempo na mesma igreja?*

Pastor Nelson: Há muitas vantagens. Uma delas é que você passa a conhecer as pessoas. A segunda, você constrói credibilidade e confiança, e as pessoas passam a querer cooperar com você. A terceira é que para haver mudanças precisamos de lideranças bem preparadas. Não podemos ter novos líderes a cada poucos anos. As pessoas simplesmente não investirão naquelas mudanças e deixarão o pastor agir sozinho. Elas pensam que se vão ter outro líder no próximo ano, não adianta se envolverem. Agora, se você permanece por longo tempo, as pessoas percebem que você está comprometido com elas e decidem cooperar. Eu não vejo muitos pontos negativos nisso, a não ser que o pastor seja ineficiente. Se ele é eficiente, é saudável para a congregação ter aquele pastor por longo tempo. Nos Estados Unidos, a média adventista de permanência pastoral é provavelmente de três anos, e é muito pouco. É por isso que não vemos muitas de nossas igrejas fazendo alguma coisa. Estão sempre mudando de pastor. Como trocam de pastor a cada dois, três ou quatro anos, os membros se tornam resistentes a mudanças. "Por que deveríamos mudar, se o pastor vai ser mudado de qualquer forma?" Esse é o raciocínio lógico da igreja.

Ministério: *Como o senhor vê a questão da visitação pastoral em nossos dias?*

Pastor Nelson: Precisa haver visitação. Os pastores têm que estar perto dos membros, para saber o que eles estão pensando e sentindo. Mas o pastor não pode fazer toda a visitação. O que temos de fazer é utilizar os membros que possuem esse

dom e querem atuar dessa maneira, e formar duplas de visitadores. Isso é o que fazemos em nossa igreja. Nós os chamamos à frente, impomos as mãos sobre eles, os dedicamos a esse ministério, e as equipes saem ao encontro das pessoas nos hospitais, asilos e nos lares em geral. Precisamos ter os membros envolvidos na visitação. Numa igreja grande, com mais de mil membros, o pastor não consegue visitar todo mundo.

Ministério: *Qual a influência da arquitetura e do conforto da igreja na qualidade do louvor e adoração?*

Pastor Nelson: Duas coisas eu vejo nessa questão: a igreja grande e alta, os vitrais e o órgão de tubos enfatizam a transcendência divina. Em nossa igreja, eu gosto da forma como os bancos estão arranjados; todos no mesmo nível e ao redor do púlpito. Isso enfatiza mais a intimidade, a imanência de Deus. Ele está conosco, é parte de nós. Noto que esses dois aspectos favorecem muito a comunhão e o louvor.

Ministério: *Uma sugestão aos pastores. Conte algo que tem sido um sucesso em seu trabalho.*

Pastor Nelson: O que eu gostaria de falar aos pastores, além do fato de que todos devem ter uma vida espiritual ativa (que é o principal), é: gastem tempo em oração e leitura, mas também refletindo a respeito da sua visão para o ministério. A visão é expressa como resposta à seguinte inquietação: no quê este lugar poderia se tornar? Com o poder de Deus, como iremos agir? Uma vez que tenham essa visão clara, serão capazes, como pastores, de convocar os membros para concretizarem e viverem de acordo com aquela idéia, aquele projeto. Mas tudo começa com a visão. O pastor precisa ter visão. Isso é o que mais nos falta. Onde poderá chegar esta Igreja? O que Deus quer que ela realize? Eis o trabalho do pastor. Investir tempo refletindo, orando e pensando. Isso é o que temos procurado fazer. Quando vim para cá, Deus me deu uma visão do que esta igreja poderia se tornar. Comecei a orar e pensar sobre isso. Depois, passei a expor a visão para os outros e a perguntar o que eles pensavam sobre aquilo e, pouco a pouco, mais e mais pessoas começaram a participar. Agora, após algum tempo, acho que começamos a nos mover naquela direção. Mas isso só é possível por causa de uma visão.

A terapia do perdão

ANAMI AZEVEDO OLIVEIRA

Secretária na Associação Mineira Central



Divulgação

Uma frase mencionada durante o filme *Love Story* garante que "amar é jamais precisar pedir perdão". Nada mais ilusório e utópico. Exatamente porque somos humanos, carregados de fraquezas e defeitos, necessitamos da misericórdia e do perdão de outras pessoas, tanto quanto elas necessitam receber de nós manifestações dessas virtudes. Só onde o amor é perfeito não existe necessidade de perdão. Mas enquanto peregrinamos como pecadores em direção à casa do Pai, ele é tão indispensável em nossos relacionamentos, como o nosso alimento diário para a nossa sobrevivência física.

Somente o perdão nos devolve a capacidade de amar sempre de novo, de ir até mesmo em busca de quem nos ofendeu, para celebrarmos a reconciliação. Em se tratando de um assunto de tal relevância, e ao mesmo tempo tão difícil de ser colocado em prática, não podemos inspirar-nos apenas em fontes humanas na tentativa de compreendê-lo ou concretizá-lo em nossa experiência diária. Precisamos nos espelhar em Cristo Jesus. Aquele mesmo Cristo que desafiou a insensibilidade, o ódio e a vingança dos fariseus, propondo-lhes o perdão para a mulher adúltera. O mesmo Jesus que, em meio aos mais

cruéis sofrimentos orou ao Pai em favor de Seus algozes. Sim, o mesmo Jesus que paciente, calmo, suportou afrontas a fim de consumir o plano da salvação, morrendo na cruz para que tenhamos vida eterna.

Amor e perdão

O ato de perdoar exige humildade, desapego, renúncia. Acima de tudo, exige grande demonstração de amor. Um amor que não mede, não calcula, não minimiza. Amor que vem de Deus, gratuito. Ninguém pode amar qualquer inimigo sem que esteja disposto a perdoar. O Senhor não exige que primeiro sintamos amor para depois agir. Ordena perdoar e amar. Precisamos decidir perdoar nosso ofensor, a fim de que tenhamos a possibilidade de desenvolver uma atitude de amor para com ele. Amor que enxerga falhas, observa erros, mas que não se fundamenta nessas coisas.

O perdão nos devolve a capacidade de amar.

O primeiro recurso para amar o inimigo é o reconhecimento da existência da dor, causada pela ofensa sofrida. É preciso reconhecer: "estou ferido, Senhor. Estou magoado." Por mais amadurecidos que sejamos e entendamos que Deus está no controle da nossa vida, não estamos imunes à dor. E nem sempre adianta simplesmente recitar "todas as coisas contribuem

para o bem daqueles que amam a Deus". Se necessitamos crer nessa verdade, é porque estamos atravessando um momento difícil que Deus permitiu acontecer.

Não precisamos esconder a dor, nem de nós mesmos nem de Deus. Não precisamos provar superioridade. O Senhor conhece nossas limitações.

Liberdade

Só quem perdoa é livre. Todo sentimento de ódio, revolta, vingança ou agressão, nos faz escravos de nós mesmos. Escravos de nossas paixões e instintos. Eles aos poucos agem em nós como ídolos que exigem satisfação para seus caprichos. Daí a importância de assumirmos com serenidade o nosso passado, procurando esquecer e curar as feridas. Para viver com tranquilidade de espírito o momento presente, sem medo em relação ao futuro.

É o próprio Deus quem nos aconselha, através do profeta Isaías: "Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova..." (Isa. 43:18 e 19).

A dinâmica libertadora do perdão, às vezes, é lenta mas progressiva e cheia de esperança.

No lar

Há muitos lares desmoronando porque o amor lentamente está morrendo e, com ele, a capacidade de perdoar. Isso acontece em virtude da existência de dominação, ciúme, inveja, desconfiança e ruínas suspeitas. Conseqüentemente, desaparecem o diálogo, o espírito de doação; nascem, entretanto, as agressões e exigências egoístas.

O apóstolo Paulo sabia muito bem o que era necessário para a harmonia entre os crentes, especialmente no plano conjugal: "Longe de vós, toda amargura, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou." (Efés. 4:31 e 32).

Acreditamos na paz e no amor; e, por isso mesmo acreditamos no perdão. Difundi-los é nossa missão sagrada. Nessa tarefa, a Palavra de Deus será nossa fonte de inspiração. A oração será nossa força, nosso alimento, para viver o amor e o perdão. Saber perdoar é uma árdua conquista em que a graça de Deus não dispensa a colaboração do esforço humano.

Oremos para que os caminhos de Deus se tornem os nossos. E Seus pensamentos sejam os nossos pensamentos.

Contaminação e pureza

DAVID MERLING

*Ph.D., administrador do Museu
Arqueológico Horn, e professor de História
Antiga, na Universidade Andrews,
Estados Unidos*



Segundo o evangelista Marcos, disse Jesus: "Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina. ... E, assim, considerou Ele puros todos os alimentos." (Mar. 7:15 e 19).

O que Jesus queria dizer com as expressões "contaminar" e "puros"? Estaria porventura referindo-se aos alimentos puros e impuros?

Segundo os versos 3, 5, 8, 9 e 13 do mesmo capítulo, o assunto em discussão está limitado às "tradições dos anciãos". Essas "tradições", de acordo com Jesus, estavam sendo usadas para desprezar os mandamentos de Deus (v. 9). Por exemplo, as "tradições dos anciãos" permitiam uma pessoa ignorar o quinto mandamento, substituindo-o pela doação de uma oferta ao templo. Jesus assinalou que os fariseus tinham muitos escapes da lei de Deus (vs. 10-13). Ao condenar tais práticas, Ele citou os mandamentos, usando passagens de Êxodo, Levítico e Deuteronômio (Mar. 7:10 e 11; Êxo. 20:12; 21:17; Deut. 5:16; Lev. 20:9).

O assunto que precipitou a discussão relatada em Marcos 7, tinha a ver com a acusação dos fariseus e escribas de que os discípulos "comiam o pão com as mãos impuras" (v. 2). E isso era uma distinção técnica, específica, não encontrada no Velho Testamento. A idéia de as mãos tornarem-se puras ou impuras foi desenvolvida no período intertestamentário. Devido a que as palavras "contaminar", "puro" ou "impuro" são usadas em Marcos 7, em conjunção com alimentos, algumas pessoas têm interpretado que o tema em discussão é comida imunda ou limpa.¹

É esse o caso?

Pureza e impureza

A Bíblia distingue dois tipos de animais: aqueles que foram declarados limpos e adequados para alimentação, e aqueles que são impuros e impróprios para serem comidos. Uma antiga discussão entre animais limpos e imundos é encontrada no relato do Dilúvio (Gên. 8). Mas não temos como determinar, por essa passagem, quais animais eram limpos e quais não eram, embora obviamente Noé o soubesse.

A mais clara distinção entre animais limpos e imundos, relacionados com a alimentação, é encontrada em Levítico 11. Os "animais que há sobre a Terra", para alimentação, devem ser ruminantes e ter unhas fendidas (Lev. 11:2). Os animais comestíveis, das águas, devem ter barbatanas e escamas (v. 9). Todos os outros animais são considerados "imundos".

Marcos 7, como todo o Novo Testamento, foi escrito em grego. Considerando que os seus escritores usaram uma versão grega do Velho Testamento, a Septuaginta, é bastante ajudador compará-la com passagens do Novo Testamento para descobrir algum ponto que acabou ficando obs-

curo no processo de tradução. No Velho Testamento, quando a palavra "imundo" é associada a animais, o termo hebraico é *m*. Na Septuaginta, *m* é regularmente traduzida pela palavra grega *akatharton* (impuro). Essa palavra é usada muitas vezes no Novo Testamento, incluindo Mar. 7:25. Entretanto, na discussão entre Jesus e os fariseus, ninguém falou da *akatharton*. A palavra chave no debate é outra, raramente encontrada no Velho Testamento, *koinoo*, traduzida em algumas versões como "impuro" e "contaminado".

Significado de impuro

Quando *koinoo* é usada no Novo Testamento, o significado é que alguma coisa boa ou santa foi profanada ou dessacralizada. Esse uso é um conceito judaico palestino único, ausente dos escritos gregos seculares. Durante o período intertestamentário, uma mudança cultural significativa ocorreu entre os religiosos judeus tradicionais. Eles se determinaram permanecer separados de toda impureza, incluindo qualquer coisa que tivesse a ver com os gentios. Os judeus foram instruídos por seus líderes religiosos a não comprar alimentos dos gentios.²

Assim, o assunto em Marcos 7 não é as mãos liturgicamente impuras dos discípulos.³ Nada havia intrinsecamente errado com as mãos dos discípulos, mas a "tradição dos anciãos" estabelecera que as mãos de alguém tornavam-se liturgicamente contaminadas pela trivialidade (*koinos*) de suas atividades. De acordo com a tradição, se os discípulos tocassem alimentos impuros, também ficariam contaminados e isso os tornaria inaceitáveis a Deus.

Jesus negou ser possível tal coisa. Ele explicou que a contaminação espiritual vem de dentro, não de fora (Mar. 7:20). Ao colocar a questão dessa maneira, Jesus

sublinhou uma verdade significativa: Mesmo ações externas tais como “fornicação, furto, assassinato, adultério” são contaminadoras, não devido a influência exterior, mas porque representam o fruto do mal interiormente existente no homem (Mar. 7:23). É a rebelião interna que contamina o relacionamento de uma pessoa com Deus. A contaminação real vem de dentro, produzindo dessa forma os sinais exteriores dessa rebelião.

Rituais exteriores

Portanto, o assunto de Marcos 7 não é alimentação. Jesus estava argumentando primariamente contra as observâncias exteriores que ostensivamente realçavam o nível de espiritualidade, enquanto minavam a autoridade das Escrituras Sagradas. Lambrecht escreve que, para Jesus, “a hipócrita fidelidade dos fariseus à tradição dos homens, os induzia a negligenciar os mandamentos de Deus”.⁴ O novo foco de Jesus sobre o assunto claramente minimizou as “tradições dos anciãos” e todos os rituais exteriormente praticados, ao mesmo tempo em que destacou a posição das Escrituras.⁵

Essa posição de Jesus contra os fariseus é pertinente porque alguns estudiosos têm sugerido que Ele agiu da mesma maneira pela qual os condenou; isto é, deixou de lado os mandamentos de Deus criando Sua própria nova tradição.⁶ Em apoio a essa afirmação, eles usam a frase parentética de Marcos 7:19: “E, assim, considerou Ele puros todos os alimentos.” Mesmo alguns adventistas do sétimo dia têm sugerido que Jesus, nessa passagem, desconsidera a distinção de Levítico 11.⁷ Se isso é o que Ele fez, também era culpado da mesma atitude dos escribas e fariseus; minimizando os mandamentos de Deus para seguir Sua própria recém-introduzida tradição. Mas essa idéia não resiste a um escrutínio teológico.

Levítico 11 reconhece dois tipos de animais imundos. O primeiro inclui os que não servem para alimentação. Nenhuma prescrição é oferecida para torná-los puros, porque a distinção não está baseada em questões litúrgicas. Comer tais animais torna a pessoa detestável diante de Deus; principalmente, parece, porque tais criaturas eram em si mesmas obviamente fontes implausíveis de alimento (Lev. 11:42 e 43).

O segundo tipo de impureza discutido em Levítico 11 é temporária, que resulta de um inadvertido contato com animais imundos. Quem os tocasse deveria lavar suas vestes; permaneceria imundo “até à tarde” (Lev. 11:24-28, 31-40).

Marcos e Levítico

A confusão entre “alimentos imundos” de Marcos 7 e “carnes imundas” de Levítico 11 é fruto de algumas desafortunadas circunstâncias. Primeira, desde o tempo do gnóstico Marciano, muitos cristãos tentam criar uma grande fenda entre os ensinamentos do Velho Testamento e os ensinamentos de Jesus, no Novo Testamento. Há uma predisposição de influentes intérpretes para assumir que Jesus introduziu um novo mandamento em Marcos 7. Eles vêem uma notável brecha entre os dois Testamentos, e Marcos 7 representa, para eles, um marco. Ao fazerem assim, inadvertidamente acusam a Jesus do mesmo erro cometido pelos fariseus.

Segunda, a confusão é um resultado de que alguns querem fazer o cristianismo o mais diferente possível do judaísmo, ignorando assim as antigas e claras raízes cristãs.

Terceira, alguns vêem alguma confusão em Levítico 11. Argumentam que se obedecermos as orientações desse capítulo, deveremos fazê-lo com todo o restante do livro. Embora esse argumento soe lógico, ele é frágil. Levítico é um livro complexo, com muitos ensinamentos, alguns dos quais são princípios universais, e alguns são unicamente israelitas. Entre os princípios universais estão os mandamentos do capítulo 19: “Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o Senhor, vosso Deus.” (v. 4); “não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade” (v. 11); “não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás” (v. 13); “... amarás o teu próximo como a ti mesmo” (v. 18).

O livro também possui ensinamentos pertinentes às práticas litúrgicas típicas do judaísmo. É preciso saber distinguir entre os dois aspectos.

A visão de Pedro

Não se pode discutir o assunto tratado em Marcos 7 sem considerar a visão de Pedro relatada em Atos 10. Os dois capítulos estão ligados pelo uso da palavra *koinos* e o tema que ela introduz. Em Atos 10, Pedro teve uma visão na qual viu animais de dois tipos: aqueles que eram “comuns” e os que eram “impuros” (*koinos kai akathartos*, Atos 10:14). De acordo com a idéia então corrente entre os judeus, as coisas que tinham se tornado “comuns” (*koinos*) atingiram tal *status* através da associa-

ção com as coisas que eram “impuras”. Assim, o que Pedro viu no lençol foi animais imundos, e animais limpos que haviam se tornado “comuns” (contaminados) pelo contato com aqueles.

O propósito dessa visão é remover de Pedro e dos primeiros cristãos todo preconceito racial (Atos 10:28, 34 e 35). Mas muitos supõem que esse capítulo também é base para repudiar o ensinamento de Levítico 11. Depois de tudo, não diz o texto que Deus purificou todos os alimentos? Realmente, o que o texto diz é: “Ao que Deus purificou não consideres comum” (Atos 10:15; 11:9). E isso torna claro que a mensagem de Atos 10 é a mesma de Marcos 7. O que Deus purificou? As coisas que foram consideradas contaminadas por associação.⁸

Enquanto Pedro dizia que nunca havia comido alguma coisa contaminada, ouvia a voz falar-lhe que as coisas “comuns” tinham sido purificadas. Quanto às coisas “impuras” (*akathartos*) Atos 10 silencia.

Essa interpretação cabe perfeitamente aos relatos de Atos 10 e 11. Pedro recebe a ordem para ir ao lar de Cornélio, um gentio, e sabe “que é proibido a um judeu aproximar-se de alguém de outra raça”. Mas Deus demonstrou-lhe “que a nenhum homem considerasse comum (*koinos*) ou imundo (*akathartos*)” (Atos 10:28). De acordo com a “tradição dos anciãos”, Pedro poderia ter-se tornado *koinos* associando-se a Cornélio (uma pessoa “impura”, isto é, um gentio). Depois da visão, Pedro afirma que “Deus não faz acepção de pessoas ... aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável” (Atos 10:34 e 35).

Relativamente a pessoas, não há comuns ou impuros. Tal distinção aplicada a pessoas foi sempre e unicamente devida à “tradição dos anciãos”, extrapolada do Velho Testamento por eles; jamais ensinada pela Bíblia.

Paulo e os impuros

Que essa idéia de contaminação por associação estava fortemente enraizada entre os primeiros cristãos, está claro na sua discussão pelo apóstolo Paulo. Em Romanos 14, ele especificamente estabelece “que nenhuma coisa é de si mesma impura [*koinos*]” (Rom. 14:14).

A situação na Igreja primitiva era complexa, porque embora ela fosse largamente judaica e enraizada em sua herança, os gentios começaram a aceitar o cristianismo muito rapidamente. Esses gentios cristãos cresceram numa cultura onde alimentos eram oferecidos a ídolos em tro-

ca de bênçãos. Para eles, isso era normal. O problema era que, "alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se" (I Cor. 8:7). Paulo disse aos judeus cristãos: "No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus" (I Cor. 8:4).

Como deveriam os cristãos relacionar-se com coisas que ainda não eram claras para eles? Sendo sensíveis para com os que tinham opiniões diferentes, mas fiéis a suas próprias crenças (Rom. 14:13, 21, 23).

Dessas passagens, ninguém pode concluir que Paulo está dizendo que não se importa com o que o Velho Testamento ensina, e que faz o que quer. Se era essa a sua intenção, ele poderia ter introduzido sua própria nova tradição, mas isso é insustentável, como já vimos. I Cor. 8 fala aos que pensam que o ídolo nada é, no sentido de cuidarem para que essa compreensão não afetasse negativamente os que tinham vindo de uma sociedade adoradora de ídolos (I Cor. 8:10).

Romanos 14 encoraja os membros antigos da igreja a serem compassivos com seus irmãos cristãos. Paulo compreendia que *koinos* não estava relacionado aos cristãos, mas alguns na Igreja não tinham se libertado da "tradição dos anciãos". Ele escreveu aos cristãos de Roma para não fazerem qualquer coisa que pudesse enfraquecer a fé dos seus irmãos, porque todos deveriam ser fiéis às suas crenças (Rom. 14:21 e 22). Nem Romanos 14 nem I Cor. 8 mencionam a palavra "impuro" (*akathartos*). Apenas *koinos* (comum) é o foco de atenção.

Conclusão

Voltemos a Marcos 7. Num estudo desse capítulo, relacionando o assunto de Levítico 11 e o Novo Testamento, podemos ver que Jesus foi radicalmente contrário a qualquer coisa, incluindo as "tradições dos anciãos", que subestimasse o Velho Testamento. Em Sua discussão com os escribas e fariseus, em Marcos 7, Ele dirigiu a atenção da obediência externa para a necessidade de pureza de coração. Também não estabeleceu Suas próprias tradições. Pelo contrário. Ele exaltou as Escrituras e defendeu-as con-

tra as "tradições dos anciãos". O uso cuidadoso que fez da expressão *koinos* tornou claro que Ele estava bem-informado do único significado dessa palavra entre os eruditos romanos judeus do Seu tempo, e que não se opunha ao debate com eles em seus próprios termos.

Nada nos ensinosa de Jesus ou dos apóstolos diminuiu a autoridade do Velho Testamento ou seus ensinamentos, incluindo a distinção entre alimentos imundos e limpos.

Referências:

- 1 Por exemplo, Carlston anota que a declaração de Cristo, no sentido de que "nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar" (Mar. 7:15) foi "obviamente intencionada para descartar" as leis sobre dieta e "a Lei como um todo". Charles E. Carlston, "The Things that Defile (Mark VII. 4) and the Law in Matthew and Mark", *New Testament Studies*, págs. 15 e 75.
- 2 T. C. Smith, "Acts", *The Broadman Bible Commentary*, Nashville: Broadman, 1970, pág. 67.
- 3 Frederick Hauck in Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids: Eerdmans, 1984: 3:797.
- 4 J. Lambrecht, "Jesus and the Law: An Investigation of Mark 7:1:23", *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 53, 1977: pág. 49.
- 5 Frederick Hauck, *Op. Cit.*, pág. 797.
- 6 Carlston escreve que "em comunidades onde circulou essa história, Jesus é visto como tendo descartado não apenas as tradições dos escribas, mas imprimido força à própria lei mosaica".
- 7 John Brunt, "Impuro ou insalubre? Uma perspectiva adventista", *Spectrum*, nº 3, 11:17-32.
- 8 Colin House, "Defilement by association: some insights from the usage of *koinos* in Acts 10 and 11", *Andrews University Seminary Studies*, nº 2, 21:143-153.

PALAVRA PRESENTE DE DEUS

Bíblia
em versos

Isnard Rocha

Salmos

Bíblia
em versos

Isnard Rocha

Provérbios
Eclesiastes e Cantares

Bíblia
em versos

Para você

- ler e decorar
- dar de presente
- evangelizar

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu
Pedido



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (0__15) 250-8800 - Fax: (0__15) 250-8900

Evangelismo: metodologia em mudança

EMÍLIO ABDALA

*Professor de Teologia Aplicada
e evangelista do Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia, no Iaene,
Cachoeira, BA*



A Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu como um movimento evangelístico. Um dos mais prósperos períodos de crescimento por ela experimentado seguiu-se à sua organização, depois de 1863. A taxa de crescimento entre 1870 e 1880 era aproximadamente 18,6%. Uma razão pela qual o institucionalismo e o evangelismo permaneceram compatíveis nessa Igreja foi o desenvolvimento das instituições adjunto ao evangelismo – as instituições médicas foram estabelecidas para evangelizar. As escolas, com o propósito de preparar a juventude para o evangelismo.

Uma mudança começou a ocorrer no pensamento adventista, quando a Igreja entrou no vigésimo século. Preocupações institucionais diminuíram o ímpeto evangelístico na América do Norte, resultando na queda do índice de crescimento para 3,6%, entre os anos 1900 e 1910.¹ Ao retornar da Austrália para os Estados Unidos, em 1900, Ellen G. White ficou preocupada com a situação emperrada, e começou a pressionar pela organização de

uma Igreja dinâmica e por um plano agressivo para o evangelismo nas cidades.

O desastre de 1902 – incêndio da casa publicadora em Battle Creek, cidade que havia se tornado uma grande colônia adventista – tornou-se crucial.² Isso foi um prelúdio para o evangelismo nas cidades do Leste, e, em 1903, o quartel general da Igreja mudou-se para Washington D.C.

Na assembléia da Associação Geral de 1909, o Pastor A. G. Daniells, presidente, relatou que mais de 500 pessoas haviam sido colocadas dentro do círculo administrativo denominacional, desde 1901, e havia pouco mais de 1.200 obreiros ministeriais em toda a Obra.³ Poucos dias depois das reuniões, no dia 11 de junho, Ellen White fez um apelo aos líderes ali reunidos, para uma ação evangelística nas cidades. Nessa ocasião, ela insistiu em que o Pastor W. W. Prescott, editor da *Review and Herald*, se dedicasse ao evangelismo. Disse ela: "Deus tem uma obra para o Pastor Prescott realizar, ... ele seria um recipiente de muito maior força espiritual, se estivesse no campo buscando levar almas à luz da Verdade." É bom lembrar que a Sra. White havia testemunhado a poderosa pregação evangelística do Pastor Prescott, numa reunião campal na Austrália.⁴

Em setembro de 1909, Ellen White novamente fez um fervoroso apelo a ministros e leigos sobre a necessidade de um esforço evangelístico sério em favor das multidões das cidades negligenciadas.⁵ Porém, não havia evidência tangível de ação. A Associação Geral apenas aprovou resoluções de pequenos planos, tais como distribuição de literatura nas cidades. No Concílio Outonal de 1909, nada foi discutido sobre evangelismo, em virtude de ter Leon Smith (filho de Urias Smith) atacado a posição de Daniells sobre o sacrifício diário de Daniel 8. Ele gastou todo o tem-

po da sessão defendendo seu ponto de vista nessa questão doutrinária.⁶

No mês de abril de 1910, Ellen White escreveu para o Pastor Daniells, responsabilizando-o pela falta de ação e compromisso. E, para enfatizar seu apelo, ela fez um giro pelas cidades do Leste, conduzindo reuniões evangelísticas com bons resultados.⁷ Daniells, empenhando-se em fazer o que pensava ser o melhor que podia, planejou pregar cinco noites em Nova York; e, como estava na Costa do pacífico, viajou para Elmhaven para informar a Sra. White dos seus planos. Mas ela decidiu recebê-lo somente quando ele estivesse pronto a conduzir a obra evangelística que necessitava ser feita.⁸ O presidente comprometeu-se, através de uma carta, "a realizar os esforços para alcançar novos campos e dedicar meses em esforço pessoal com os obreiros, se necessário".

Em junho de 1910, ela respondeu enfatizando que compromisso era uma coisa, e um plano bem-sucedido para implementá-lo era coisa diversa. Daniells levou a questão ao Comitê da Associação Geral que assumiu a responsabilidade por uma ação evangelística, liberando-o dos compromissos das reuniões campais, no verão daquele ano, bem como aceitando o cancelamento de uma viagem que o presidente faria à Austrália, em outubro. Todas as Uniões e Associações foram requisitadas a fazer do evangelismo nas cidades uma causa comum.

Ellen White deliciou-se com os resultados. A Igreja uma vez mais foi confirmada como um movimento evangelístico. Houve uma notável reversão da denominação que havia se tornado institucionalizada. Os índices de crescimento aumentaram e, em 1913, na 38ª assembléia da Associação Geral, ela elogiou os líderes pela nova direção evangelística. O auditório respon-

dia com fervorosos "améns" e com lágrimas que escorriam à medida que Ellen White expressava sua confiança na liderança de Deus sobre a Igreja.⁹

Desde então, os planos quinquenais têm enfatizado a obra evangelística. Mais recentemente, na década de 80, por exemplo, houve os "Mil Dias de Colheita", um projeto que levou ao batismo mil pessoas por dias, durante mil dias. Na década seguinte, houve a "Colheita 90", uma abordagem mais balanceada do evangelismo, que focalizou o treinamento e a renovação espiritual, levando à duplicação dos resultados em batismos dos Mil Dias de Colheita. De 1990 até o ano 2000, a Igreja empreende a "Missão Global", cujo alvo é instalar a presença adventista em todos os lugares do mundo.

Ameaça de morte

Muitas são as vozes que têm prenunciado o fim do evangelismo neste final de século. Algumas pessoas dizem que o evangelismo facilita o cristianismo de espectadores, não dando aos crentes a oportunidade de usar os seus dons. Outros dizem que os conversos não se unem a uma igreja que se reúne no sábado pela manhã, mas a uma igreja de cinco noites por semana, com vários recursos audiovisuais, ao som de um animado *playback*.

Podemos nós decretar a morte do evangelismo público nesta era da TV a cabo e diversões computadorizadas? Nesta época de crise financeira e de descrédito geral? Já na era pós-guerra de 1920, houve grande recessão que trouxe dificuldades financeiras à Igreja. Muitos pensaram que o evangelismo estava fora de uso. Com isso houve uma mudança de ênfase do evangelismo à cautela institucional. Entretanto, em 1930, surgiram evangelistas como Roy Allan Anderson e Harold M. S. Richards. A ênfase da mensagem foi posta no compromisso pessoal com Cristo. Surgiram novas técnicas como uso de tendas, introdução de figuras móveis, uso do evangelismo médio, além do primeiro programa de rádio a cargo de George Vandeman.

Nas décadas de 50 e 60, muitos temeram que o evangelismo estivesse em crise. Dois terços dos administradores e secretários ministeriais pensavam que o evangelismo estivesse obsoleto, ou consideravam que grandes campanhas públicas não eram mais praticáveis. Surgiram evangelistas como Earl E. Cleveland, cujas mensagens enfatizavam o cristianismo prático. O evangelismo tornou-se mais orientado à congregação. A Igreja dava maior prioridade a esse método.

Na mesma ocasião, na América Latina, existia um inconveniente. Os métodos de evangelismo público, idealizados para alcançar pessoas de origem protestante nos Estados Unidos, não eram adequados à população católica. Foi então que surgiu Walter Schubert, evangelista da Associação Chilena, decidido a mudar os métodos usados até então. Removeu dos convites a nomenclatura "conferências adventistas" e, ao invés de iniciar a série de palestras com Daniel 2, introduziu temas sociais, falando do "segredo da felicidade" ou "segredos de um casamento feliz". Schubert apresentava-se como professor e eliminou a coleta de ofertas. O método alcançou tamanho êxito que foi adotado por todos os evangelistas da Divisão Sul-Americana, com excelentes resultados.¹⁰

Na década de 90, surgiram nomes como Mark Finley, George Vandeman Jr., e outros que utilizam os recursos da mídia eletrônica na proclamação das mensagens angélicas. Afinal, o evangelismo precisa adaptar-se às mudanças dos tempos. É contraproducente continuar usando sermões e métodos dos anos 60 e 70, no limiar de um novo século.

Roger Dudley, diretor do Instituto de Ministérios da Igreja do Seminário Teológico da Universidade Andrews, nos Estados Unidos, analisa que o presente custo do evangelismo público exige que a Igreja realize cuidadoso estudo para melhorar sua efetividade. Vários evangelistas estão pesquisando novas técnicas para avaliar e aprimorar seus métodos. É vital que examinemos os tipos de pessoas que a Igreja alcança através dos métodos vigentes, e então desenvolvamos novas abordagens.¹¹

Segundo John Paulien, professor de Novo Testamento na Universidade Andrews, as campanhas geralmente tendem a alcançar certos tipos de pessoas e ignorar outras. Embora pessoas secularizadas raramente sejam alcançadas em grupo, o que limita a efetividade do evangelismo e de programas televisivos e radiofônicos, ele concluiu que o evangelismo tradicional adventista não deve ser abandonado, pois há muitas classes de pessoas, lugares e culturas que só serão alcançadas por esse método.¹² Peter Wagner também enfatiza as cruzadas de evangelismo como um modelo de estabelecimento de novas igrejas em pequenas e grandes cidades, citando os adventistas do sétimo dia como veteranos.¹³

Respondendo aos críticos que questionavam o evangelismo por causa da apostasia, o avivalista Dwight L. Moody disse: "Deveria o fazendeiro recusar semear o

campo porque nem todas as suas sementes germinam e crescem? É estimado que cerca de 90% de novos investimentos e empresas fracassam. Deveriam os homens desistir de iniciar novos empreendimentos porque tantos negócios fracassam? Uma criança nasce, mas eu não posso me regozijar, porque centenas de crianças morrem. Este é o argumento que o povo tem contra minhas campanhas: nem todos permanecem."¹⁴

Há muita crítica aos homens que estão fazendo a obra na causa de Deus. Alguns gostam de perguntar: quantos já saíram? É verdade que esses homens perdem um bom número de conversos. Eles perdem muito mais do que outros ganham em um ano. Quando eles perdem 25, pensamos que é coisa séria. Mas não podemos perder 25 se não ganharmos muito mais do que isso. Quando um homem batiza 200 num esforço e perde 120, muitos falam sobre isso. Mas ele fez melhor do que o que batizou 30 e, com o tempo, perdeu 18. A porcentagem é a mesma. Quem terá maior condenação? Devemos ser menos críticos em relação aos outros e o Senhor nos usará para a Sua glória.

Crescimento da igreja

Gene Edwards observou que os edifícios das igrejas podem ser um dos maiores obstáculos ao evangelismo hoje. Não por sua mera existência, mas porque falhamos em sair deles. Se a Igreja Adventista deseja causar impacto no mundo, necessita tornar-se uma Igreja que invada a comunidade por Cristo.¹⁵

Por sua vez, Donald McGavran descobriu que as igrejas têm uma tendência incorporada no autocentrismo, e de crescer para dentro. "Essa tendência centrípeta precisa dar caminho para um vigoroso programa de extensão. É necessário que nós comecemos a enxergar as pessoas não alcançadas e por elas orar, planejar ganhá-las", diz Mark Finley¹⁶. O congresso mundial de evangelismo realizado em 1974, em Lausane, Suíça, declarou o mesmo princípio ao afirmar que "necessitamos romper nossos guetos eclesiásticos e permeiar a sociedade não-cristã. Na missão de serviço sacrificial da igreja, evangelismo é prioritário".¹⁷

Um estudo realizado entre igrejas adventistas da América do Norte, baseado em dados disponíveis sobre atividades, programas, batismos e crescimento congregacional, entre 1980 e 1990, revelou algumas características comuns às igrejas que mais crescem:

1. Competente liderança pastoral.

2. Dedicada liderança leiga
3. Programas variados que atendam às necessidades de diferentes grupos de pessoas.
4. Focalização na comunidade.
5. Atividades de pequenos grupos
6. Serviço de culto dinâmico.
7. Atmosfera de aceitação.
8. Senso de missão.
9. Evangelismo público.¹⁸

Em outra pesquisa, envolvendo mil igrejas em 32 países diferentes, Christian A. Schwarz confirma esses princípios, ao concluir que as oito marcas de qualidade em uma igreja que cresce são uma liderança capacitadora, ministérios orientados pelos dons, espiritualidade contagiante, estruturas funcionais, culto inspirador, grupos familiares e evangelismo orientado para as necessidades.¹⁹

Por outro lado, igrejas que não dão alta prioridade ao evangelismo experimentam uma correspondente baixa estima. Os membros perdem o entusiasmo e, com o tempo, tornam-se depressivos. Eles desenvolvem um complexo de inferioridade evangelística, crendo que a comunidade é resistente e indiferente.

Fred Smith está correto quando afirma que a igreja, para manter o contato com a comunidade, sempre necessitará novos convertidos para trazer outros, que, por sua vez, trarão outros mais. Porém, se não houver novos convertidos, a igreja morrerá por falta de sangue novo.²⁰ O veterano professor de evangelistas adventistas, J. L. Schuler, enfatiza que quando a igreja deixa de ser evangelística, torna-se como um farol sem lua ou uma caldeira sem vapor. "A igreja que não é ganhadora de almas é uma igreja agonizante. Napoleão declarou que qualquer exército que permanece enrincheirado certamente é derrotado. A igreja precisa ser agressiva ou cessar de existir. E a única maneira de uma igreja ser agressiva é ser evangelística. Fazer discípulos deverá ser e necessita ser nosso principal negócio até o fim do mundo", diz Schuler.²¹

Alguns pastores se tornam terrivelmente nervosos quando o evangelismo pastoral é discutido. Muitos têm a equivocada idéia de que Deus outorgou o dom do evangelismo apenas a alguns poucos. Acreditam no evangelismo, teologicamente, mas que ele é uma tarefa de especialistas. Argumentam que seu negócio é salvar almas motivando, treinando e organizando a igreja como uma agência de expansão do evangelho. Isso é o que Paulo quis dizer ao desafiar Timóteo: "faze o traba-

lho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério" (II Tim. 4:5). Paulo não estava aconselhando Timóteo a deixar as congregações sob seu cuidado e viajar para novos campos para realizar séries de conferências (embora isso às vezes seja necessário), mas a tornar evangelística sua obra pastoral.

No século 21

O evangelismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia precisa acompanhar as mudanças. Em tempos passados, H. M. S. Richards alugou um gorila para divulgar seu sermão sobre evolucionismo. Em São Francisco, 1962, surgiu o uso da luz negra. Em Detroit, 1966, apareceu o plano "Como Deixar de Fumar em Cinco Dias". Hoje, os evangelistas que causam maior impacto são os que utilizam o rádio e a TV em cruzadas públicas. Mark Finley inaugurou a campanha evangelística transmitida via satélite para 45 países dos continentes europeu e americano.

Há uma tendência, entre os pastores, de se construir uma base de apoio para a transmissão, via satélite, de campanhas a partir das igrejas, tornando-as centros de evangelismo com equipes que oferecem a melhor pregação e a melhor música. Alguns evangelistas usam a influência do rádio em um processo de evangelismo interativo, onde as decisões são alcançadas em semanas de colheita.

Em 1978, o instituto de pesquisas Gallup realizou uma pesquisa sob o título *The Unchurched American* (O Americano Sem Igreja). Uma das questões a que os entrevistados deveriam responder era: "Se você fosse freqüentar uma igreja, que tipo procuraria?" As pessoas responderam que procurariam uma igreja onde pudessem discutir suas dúvidas religiosas, abertamente, num ambiente de aceitação. E também uma igreja preocupada em trabalhar pela melhora da sociedade.²²

Estima-se que cerca de 60% das pessoas não respondem aos apelos espirituais. Elas estão cansadas de religião, dos apelos por dinheiro, dos truques usados para induzir as pessoas à fé e dos interesses políticos. Mas assistiriam a programas que suprissem às suas necessidades, tais como cursos de saúde, seminários sobre administração do tempo, vida familiar, controle do estresse, nutrição, estilo de vida, alfabetização, estudo de idiomas, etc.

A hierarquia das necessidades proposta por Maslow²³ sugere que as necessidades de segurança, sentir-se amado e amar, auto-estima, de realizar algo significativo na

vida, fazem parte da personalidade humana. As pessoas são motivadas a fazerem aquilo que lhes satisfaça as necessidades. Pessoas não se unem a igreja simplesmente por serem verdadeiros e bíblicos os seus ensinos. Poucos farão isso. Elas mudam porque há uma oferta de algo pessoal na forma de uma vida mais satisfatória.

O método de evangelismo no século 21 continuará sendo o método de Cristo. "O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: 'Segue-Me.'"²⁴

John Wesley, o grande pregador metodista, é sempre considerado como um dos maiores evangelistas de todos os tempos. Sua audiência chegava às vezes a vinte mil pessoas. Mas os apelos de Wesley eram para que homens e mulheres se unissem às classes. Era nessas classes ou pequenos grupos que os indivíduos eram instruídos na vida cristã. O interesse era desenvolvido em grandes reuniões evangelísticas, mas as pessoas experimentavam crescimento espiritual e consolidação de sua nova fé, nas pequenas células.

Em 1763, Wesley fez uma declaração que se torna atualíssima em nossos dias: "Estou convencido mais do que nunca que pregar como um apóstolo, sem juntar depois os convertidos e treiná-los nos caminhos de Deus, é somente gerar filhos para o matador."²⁵ Wesley não era perturbado pelas elevadas taxas de apostasia verificadas no trabalho de George Whitefield, na América do Norte, que, por sua vez, declarou: "meu irmão Wesley agiu sabiamente. As almas despertadas em seu ministério ele as juntou em classes, e assim preservou os frutos de seu labor. Isto eu negligenciei e meu povo é frágil como cordas de areia."²⁶

Essa é a razão pela qual Wesley se recusava a pregar em qualquer lugar onde não pudesse dar continuidade à sua pregação através das sociedades organizadas sob adequada liderança. O metodismo cresceu rápido nos Estados Unidos através dos pequenos grupos e evangelismo na forma de campanhas, afetando, de certa maneira, a Igreja Adventista; afinal, Ellen White era metodista.

Em 1890, quando a Sra. White se encontrava na Austrália, alguns eventos contribuíram para o que é conhecido como Reavivamento Welsh, nos arredores de Melbourne.²⁷ Pastores de outras denominações organizaram os membros em grupos de estudo da Bíblia, oração e testemunho.

Logo havia no local cerca de dois mil grupos reunindo-se semanalmente. Os pastores envolvidos nesse ministério convidaram o evangelista interdenominacional R. A. Torrey, que conduziu campanhas evangelísticas com excelentes resultados. Isso causou impacto à igreja na Austrália e, durante esse tempo Deus mostrou a Ellen White a importância dos pequenos grupos. Em 15/08/1902, ela deu a seguinte mensagem: "A formação de pequenos grupos, como uma base de esforço cristão, é um plano que tem sido apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar."²⁸

Kurt Johnson sugere quatro passos no planejamento de pequenos grupos com ênfase evangelística:²⁹

1. Levar as pessoas a se reunirem em pequenos grupos com propósito de atender às suas necessidades e depois familiarizá-las com as Escrituras e Jesus Cristo. Período de um a dois meses.
2. Oferecer às pessoas a oportunidade para um programa de estudos avançados que poderá tornar-se uma classe bíblica, ou classe batismal.
3. Série de decisão ou reuniões de colheita. A campanha poderá ser uma série de duas semanas ou uma série tradicional de seis semanas.
4. Assimilação do indivíduo à igreja através de pequenos grupos, num programa de discipulado.

Campanhas de colheita

Uma filosofia defeituosa de abordagem evangelística surgiu na Igreja Adventista do Sétimo Dia com a influência do Dr. John Kellogg, que influenciava a liderança da obra a desenvolver um estilo de evangelismo moldado pelo trabalho de D. L. Moody e Billy Sunday.³⁰ A diferença entre o evangelismo adventista e o de Moody pode ser visto na comparação do trabalho de Wesley e Whitefield. Este era calvinista e cria na predestinação. Isso o levava a focalizar o apelo na decisão de seus ouvintes, e então concluir que os que fizeram a decisão estavam eleitos e salvos. Pouquíssimos resultados permaneceram de seu trabalho.

Wesley, crendo que o verdadeiro cristianismo era uma restauração da imagem de Deus no homem, focalizou seus esforços não tanto nas decisões, mas no período prolongado de instrução nas classes bíblicas ou sociedades que desempenharam significativa função na permanência dessas pessoas na igreja.³¹

Uma campanha de decisão coerente baseia-se na estratégia de uma preparação prévia, com meses de antecedência, onde

as igrejas organizam várias classes bíblicas com o objetivo de ter os candidatos prontos para o batismo. Os leigos devem ser instruídos e motivados para que, mediante os estudos bíblicos, os pequenos grupos e trabalho pessoal tenham no início da campanha o maior número possível de interessados. Então, numa série intensiva, com reuniões todas as noites, por um espaço de 16 dias, o evangelista prega temas de recapitulação doutrinária para levar à decisão.

Para o pastor que tem muitos encargos e responsabilidades nos aspectos organizacional e institucional da igreja, esse programa surge como uma oportunidade de utilizar todos os recursos – financeiros e humanos – para uma cruzada de colheita nos lugares onde os membros semearam durante o ano. É sabido que a dificuldade dos membros encontra-se no momento de alcançar decisões, e muitos se frustram ao não verem resultados de seus esforços. Mas quando o pastor participa nessa fase com a sua experiência, o resultado é o crescimento local.

Pluralidade de métodos

A experiência de Daniells, em 1909, revela a clara visão que o Senhor deseja que líderes e pastores tenham acerca do empreendimento do evangelismo na conquista de novas cidades para o Seu reino, bem como do uso da influência de sua posição em ajudar, fortalecer e desenvolver a obra evangelística. Assim, a prioridade das comissões e mesas administrativas deveria ser o planejamento de estratégias de missão, ao invés de manutenção institucional.

O evangelismo não está morto, mas precisa atualizar seus métodos e abordagens, a partir dos métodos convencionais. Não se pode ignorar o evangelismo público. É uma distorção do ensino bíblico dos dons espirituais tentar convencer a todo o crente a se envolver em um só método de testemunhar, em detrimento de outros. Pluralidade de dons exige pluralidade de métodos. Peter Wagner disse que numa igreja média pode-se esperar que aproximadamente 10% de seus membros adultos ativos possuam o dom do evangelismo, e a Igreja precisa oferecer motivação e meios para que eles desenvolvam seus dons em sintonia com os programas denominacionais.

Assim como havia o perigo de a igreja de Corinto exaltar algum dom em prejuízo de outro, como líderes podemos frustrar a Igreja ao projetarmos um só método de trabalho, querendo que o corpo inteiro de Cristo seja o "olho".

Por fim, creio que métodos e técnicas separados do compromisso pessoal com Cristo são como os ossos secos da visão de Ezequiel. A paixão pelas almas, desenvolvida por uma presença interior do Espírito de Deus tem caracterizado todo verdadeiro missionário. George Whitefield orava: "Oh! Deus, dá-me almas ou toma a minha."

Quando o general William Booth, aos 75 anos de idade, foi convidado ao Palácio de Buckingham, por Eduardo VII, ele resumiu a obra de sua vida, ao assinar o livro de visitas do rei: "Sua Majestade, a ambição de alguns homens é a arte, a ambição de outros é a fama, e alguns homens ambicionam o ouro. Mas a minha ambição é as almas dos homens."

Ellen White ecoa esse mesmo sentimento na seguinte declaração: "A obra acima de todas as obras – o negócio acima de todos que deve atrair e dedicar as energias da alma – é a obra de salvar almas pelas quais Cristo morreu. Faça desta a principal, a mais importante obra da sua vida. Faça disso a especial obra de sua vida."

Referências

- 1 Russell Burrill, *Field Evangelism*, Berrien Springs, MI: Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana, 1992, pág. 10.
- 2 C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982, pág. 272.
- 3 Russell Burrill, *Op. Cit.*, pág. 11.
- 4 Arthur White, *The Later Elmshaven Years*, Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1982, págs. 220-222.
- 5 Ellen White, *Evangelismo*, 2ª ed., Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978, págs. 25-43.
- 6 Russell Burrill, *Op. Cit.*, pág. 12.
- 7 *Idem*, pág. 11.
- 8 Arthur White, *Op. Cit.*, pág. 223.
- 9 *Idem*, págs. 388 e 389.
- 10 Marcos Blando, *Walter Schubert. Logos Revista de la Facultad de Teología de la Universidad Adventista del Plata*, N° 2, 1997, pág. 5 e 6.
- 11 Roger L. Dudley & Dez Cummings Jr., *Adventures in Church Growth*, Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1983, pág. 152.
- 12 John Paulien, *Present Truth in Real World*, Boise Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1993, págs. 36 e 37.
- 13 C. Peter Wagner, *Plantar igrejas para a Grande Colheita*, São Paulo, SP: ABBA Press, 1993, pág. 92.
- 14 *Moody Latest Sermons*, Chicago: Moody Bible Institute of Chicago, 1900, pág. 110.
- 15 Mark Finley, *Padded Pews or Open Doors*, Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1998, pág. 9.
- 16 *Idem*, *idem*.
- 17 Daniel J. Rode, *Fundamentos de Crecimiento de Iglesia*, Apostila para o doutorado em teologia pastoral, Engenheiro Coelho, SP: 1996, pág. 69.
- 18 John W. Fowler, *Evangelism Two Thousand*, Boise Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1994, págs. 117-122.
- 19 Christian A. Schwarz, *O Desenvolvimento Natural da Igreja*, Cuntiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996, págs. 15-35.
- 20 Fred Smith, *La Dinamica del Iglecrescimiento*, Miami, FL: Editorial Caribe, 1993, págs. 90-91.
- 21 J. L. Schuler, *Public Evangelism*, Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1940, pág. 16.
- 22 *In Mark Finley, Op. Cit.*, pág. 32.
- 23 Humberto M. Rasi, editor, *Meeting the Secular Mind*, Berrien Springs, MI: Imprensa da Universidade Andrews, 1987, pág. 103.
- 24 Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, 4ª ed., Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990, pág. 143.
- 25 Mark Finley, *Op. Cit.*, pág. 30.
- 26 *Idem*, *idem*.
- 27 Kurt Johnson, *Small Group Outreach*, Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1991, pág. 19.
- 28 Ellen White, *Evangelismo*, pág. 115.
- 29 Kurt Johnson, *Op. Cit.*, págs. 77-79.
- 30 Russell Burrill, *Op. Cit.*, pág. 18.
- 31 J. D. Douglas, *O Evangelismo e o Mundo Atual*, São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986, pág. 175.

Integração ministerial

O repetido uso da expressão "qualidade total" mostra que a busca da excelência tem sido a preocupação dominante em todos os setores da vida moderna. Apesar da aura de novidade que envolve o conceito, para o povo de Deus, trata-se de algo muito antigo. Afinal, ele foi estabelecido para ser "a cabeça e não a cauda", segundo a Bíblia. Nesse sentido, é óbvio que o exemplo deve vir da liderança.



Pastor Ruy Nagel: "Dependência de Deus, humildade e comunhão com o Senhor; eis as nossas maiores necessidades."

to pessoal, profissional e espiritual.

Foi esse pensamento que levou a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, representada pelos Pastores Alejandro Bullón e José Viana, e pela irmã Vasti Viana, a realizar um concílio que reuniu secretários ministeriais, presidentes de campos, professores de Teologia e líderes da Área Feminina da Associação Ministerial (Afam). O evento ocorreu nos dias 5 a 10 de julho, em Foz do Iguaçu, PR, e contou ainda com a participação dos seguintes convidados especiais: Pastores James Cress, secretário ministerial da Associação Geral, Joel Sarli, seu asso-

ciado, Willmore Eva, editor da revista *Ministry*, Nikolaus Satalmajer, coordenador do Programa de Crescimento Profissional e do Projeto Preach, Juan Carlos Viera, diretor do White Estate, e Sras. Sharom Cress e Margarida Sarli, coordenadoras da Afam internacional.

Programação

Na abertura, dia 5, o Pastor Bullón destacou a necessidade de integração entre secretários ministeriais e presidentes, tendo em vista o bem-estar pessoal, familiar e profissional dos pastores. Sobre os objetivos do encontro, o Pastor Viana enfatizou: "É oportuno que em tudo o que vai ser dito e ouvido aqui, tenhamos na mente e no coração a figura do pastor. É para ele sua família que os benefícios deste encontro devem fluir."

Em seguida, o Pastor Ruy Nagel, presidente da Divisão Sul-Americana, apresentou a principal mensagem da noite, na qual ressaltou o que considera "as três maiores necessidades" do ministério cristão, "em face da solenidade do tempo": dependência de Deus, humildade e comunhão com o Senhor.

Nos dias seguintes, as atividades transcorriam dentro da mesma dinâmica: uma mensagem devocional, no início da manhã, seguida de conferências plenárias sobre temas variados, tais como o dom de profecia, administra-



Pastor James Cress (à esquerda) prega, sábado pela manhã, traduzido pelo pastor Joel Sarli

ção eclesial, propósitos da Associação Ministerial, relacionamento entre pastor e ancião, ordenação ao ministério, problemática feminina, entre outros. À tarde, grupos distintos reuniam-se para analisar outras questões do trabalho pastoral.

Nessa oportunidade, discutia-se sobre métodos de evangelização, disciplina eclesial, o pastor e sua família, dinâmica dos concílios ministeriais, capacitação e treinamento dos anciãos de igreja. Cada grupo formulava sugestões, que eram discutidas à noite por todos os participantes e que serão enviadas à Comissão Administrativa da Divisão Sul-Americana, que decidirá por sua implementação.

Um momento especial de muito entusiasmo e vibração aconteceu na manhã de sexta-feira, dia 9, quando o Pastor Osmar Reis, diretor de



Pastor Bullón: incentivo para viver e pregar a esperança da volta de Cristo

Ministério Pessoal da DSA, apresentou o programa denominado Evangelismo Integrado, que ele descreve como sendo "a união de todos os setores da igreja, usando o potencial de cada um, para a evangelização e colheita de milhares de pessoas". Falando de maneira prática, o Evangelismo Integrado prevê o envolvimento de emissoras de rádio, TV, hospitais, editora, pastores, colportores, obreiros voluntários e pequenos grupos numa rede de atuação em que por todos os meios e em todas as direções se anuncie a volta de Jesus e a oportunidade de salvação. Nada disso descarta o evangelismo público; na verdade, há uma conjugação de forças e métodos.

Material impresso, fitas de vídeo, CDs e cassetes estarão abordando os mesmos temas.

Destaques

Segundo os congressistas, o encontro foi proveitoso por várias razões, entre elas a atmosfera espiritual respirada. O Dr. Juan Carlos Viera insistiu no fato de que "o profeta não é perfeito, mas sua mensagem é perfeita". Deixou claro que Deus chamou seres humanos e lhes deu a tarefa de transmitir uma mensagem celestial que, às vezes, pode conter numa palavra ou outra a marca da humanidade. "Mas o recado divino permanece autêntico", enfatizou.

O Pastor James Cress lembrou os objetivos da Associação Ministerial, responsável pela assistência espiritual, pessoal, familiar e profissional dos pastores, e ressaltou a necessidade de se valorizar o pastor. Seu trabalho produzirá maiores e mais significativos resultados, se puder fazê-lo em condições apropriadas, sentindo-se respeitado, aceito, incluído e devidamente alimentado. A família pastoral também não pode ser desconsiderada.

Entretanto, por mais competente e bem assistido que seja um pastor, ele não pode cumprir sozinho a missão.



Pastor José Viana: preocupação com o bem-estar do pastor e sua família

Precisa trabalhar em equipe, com os anciãos. "Um homem é limitado em suas possibilidades, seus dons e ministérios. Ele não tem condição de atender a todas as múltiplas necessidades da congregação. Por isso o time pastoral é absolutamente necessário. Vivemos numa cultura pluralística e a igreja necessita de um ministério pluralístico para atender suas necessidades", ensinou o Pastor Joel Sarli.

Tanto o Pastor Eva como o Pastor Satelmajer destacaram a necessidade de crescimento profissional do ministro adventista. A evolução do mundo e da cultura humana requer adequada abordagem às pessoas, por parte do pastor. Essa aproximação poderá fracassar, caso ele esteja despreparado. O que foi bom e produziu frutos dez anos atrás, pode não ser o ideal para hoje. É preciso investir no desenvolvimento do ministro.

Em reuniões separadas, as líderes da Afam receberam orientações sobre como desenvolver o trabalho de nutrição espiritual, social e pessoal da esposa do pastor. As palestrantes foram as irmãs Sharon Cress, Margarida Sarli, Vasti Viana e Sara de Bullón.

Triunfos

A noite de sexta-feira e o sábado foram reservados às atividades estritamente espirituais. Em sua mensagem, o Pastor Alejandro Bullón incentivou os congressistas a viver e pregar a esperança da volta de Cristo. No sermão de sábado pela manhã, o Pastor Cress, dissertando sobre o capítulo 15 do evangelho de Lucas, apresentou o exemplo de Jesus em sua dedicação pela busca dos perdidos, como devendo ser imitado pelos pastores.

À tarde, os relatórios mostraram os triunfos,



Pastor Juan Carlos Viera: "Crede em Seus profetas."

desafios e projetos evangelísticos. O crescimento da igreja na Divisão Sul-Americana é claro em todas as frentes de ação e áreas geográficas. Evangelismo público realizado por voluntários, pastores e mulheres, implantação de pequenos grupos, emissoras de rádio, e testemunho pessoal, são algumas das estratégias utilizadas com sucesso na conquista de novos crentes. O surgimento de novos conversos resulta na construção de igrejas e capelas em vários lugares. Não surpreende que, segundo os relatórios do primeiro trimestre deste ano, a Divisão

Sul-Americana esteja posicionada como a terceira maior do mundo, com 1.587.000 membros, atrás da Interamericana (primeira) e África Oriental (segunda).



Pastor Willmore Eva (à esquerda) e Dr. Enrique Espinoza



Pastor Nikolaus Satelmajer (à esquerda) e o tradutor, Pastor Urias Chagas

Maiores triunfos, por certo ainda estão por vir. Especialmente depois de uma renovação da crença de que administradores, secretários ministeriais, professores de teologia, pastores e esposas devem atuar de mãos dadas, na manutenção dos marcos doutrinários e na conquista dos objetivos evangelísticos da Igreja. — Zinaldo A. Santos



Sras. Vasti Viana (à esquerda) e Sharon Cress: valorização da esposa do pastor

Estranhos na igreja

ROLAND R. HEGSTAD

Ex-editor da revista Liberty, jubilado, reside em Silver Spring, MD, Estados Unidos



Um assustado homem, vestido elegantemente com uma jaqueta esporte marrom e calça jeans, entrou anônimo na igreja e sentou-se. Assisti aos serviços e gostou do sermão; o primeiro que ouviu em uma igreja adventista. Depois do culto, ele esperou na fila de adoradores a sua vez de passar pelo pastor e receber seu cumprimento. Querendo expressar sua apreciação pelo programa, e especialmente pelo sermão que ouviu, ele foi em direção ao pastor, estendendo a mão, mas este repentinamente virou-se e saiu do lugar onde estava, deixando de cumprimentar o visitante.

Surpreso, o homem ficou tentando encontrar explicação para aquele vexame. Teria ele passado despercebido pelo simples fato de não estar usando um terno, como muitos dos homens adoradores daquela igreja? Ou por ser ele um caucásio? Aliás, a questão racial não seria problema em sua igreja batista, onde ele exercia a função de diácono. Posteriormente, ele

encontrou a razão do constrangimento pelo qual passou, quando percebeu que sua experiência era compartilhada por outros 49% dentre visitantes pesquisados pela editoria de um grande jornal metropolitano.

Ousada pesquisa

Eu era o responsável pela presença daquele estranho na igreja, naquele dia. Ele era uma das aproximadamente 40 pessoas que contratei para visitar igrejas adventistas na Divisão Norte-Americana, anos atrás. A *Adventist Review* tem enviado estrangeiros a igrejas através da DNA e relatado suas impressões. Isso é o que eu queria que acontecesse.

Minha pesquisa começou quando eu fui convidado para falar no centenário de uma igreja adventista no Centro-Oeste dos Estados Unidos, no 80º aniversário de uma igreja na região Leste e na dedicação de uma outra no Sul, tudo isso em poucas semanas. Inicialmente, eu decidi não parabenizar simplesmente as duas primeiras congregações por sua sobrevivência. Havia outras importantes questões para considerar: Demonstravam elas o genuíno amor de Deus pelas pessoas de fora, tanto como o faziam entre si? Eram vitais seus serviços de culto? Inalterável, seu senso de missão? Havia alguma maneira pela qual eu pudesse determinar sua vitalidade espiritual, antes de lhes falar?

Talvez, o melhor júri para dar um veredito, pensei, poderia ser um composto pelos visitantes. Poderiam eles relatar como seriam aceitos? Poderiam ser animados por uma experiência vital de culto? O que teria um adolescente, com os cabelos até os ombros e brincos pendendo das ore-

lhas, para dizer? O que diria uma garota de roupas extravagantes e cheia de badalques? Ou um velho vagabundo exalando cheiro de cigarro e cerveja? Poderiam essas pessoas receber uma calorosa recepção em nossas igrejas? Eu decidi saber.

Telefonei a um amigo que morava perto da igreja do Leste e disse-lhe que precisava de uns poucos não-adventistas para assistirem ao serviço sabático, nas semanas que antecederiam minha chegada. Eles nunca deveriam ter assistido a uma igreja adventista antes, e deveriam preencher um questionário sobre a visita. Eu tinha planejado um pequeno orçamento, e poderia, se necessário, pagar-lhes pelo trabalho. Nem o pastor nem os membros deveriam saber do plano.

Para a igreja do Sul, eu requisitei a colaboração de um pastor adventista do distrito vizinho, para encontrar pessoas que deveriam ser visitantes. No Centro-Oeste, telefonei para o editor de religião do principal jornal metropolitano. Expliquei meu projeto, e perguntei-lhe se poderia colaborar, com a compensação de que ele poderia imprimir o resultado da pesquisa, sem identificar a igreja. Acertei na mosca!

Ao questionário, dei o título "Observações sobre uma visita à igreja". Entre as perguntas (algumas condensadas), eu solicitava: Expresse os pensamentos que tinha, ao entrar na igreja; mencione a coisa que mais o agradou (eu sabia que essa pergunta não era objetiva, mas queria algo positivo para relatar a cada congregação, quando eu fosse pregar ali. Não era um questionário do qual explorar generalizações para todas as igrejas da América do Norte); mencione alguma coisa que causou impressão negativa; como você des-

creve a saudação recebida? Alguém o convidou para um jantar ou um almoço? Sente desejo de voltar? Como você caracteriza a atitude dos membros como um todo?

Em adição, eu ofereci uma seção com perguntas cujas respostas deveriam ser dadas em notas de um a cinco, nas quais o visitante poderia caracterizar a atmosfera (ambiente, relacionamento) da igreja e o interesse mostrado em sua pessoa. A respeito do serviço de adoração, eu perguntava: Foi significativo, reverente, uma celebração à presença de Deus? Incluí um quarto de página onde o visitante poderia partilhar sugestões sobre como a igreja poderia se relacionar mais efetivamente com as visitas.

Quais eram os meus visitantes? O gerente de uma estação de rádio; um revisor de um jornal de Filadélfia, que costumava navegar pelo site de uma das igrejas; muitos casais, profissionais liberais conservadores; um repórter; um pastor metodista; um adolescente com brincos; um repórter de 28 anos com pulseiras, e uma recepcionista, que logicamente não era adventista.

O lado positivo

Agora, coloque-se você mesmo no banco de uma dessas igrejas. Imagine-se membro dela, e que, devidamente apresentado, eu vou começar a falar do púlpito. Sem a usual introdução descontraída, e mais sóbrio que o costumeiro, eu começo a falar: "Não estou aqui para parabenizar vocês por terem completado, como igreja, 80 ou 100 anos. Durante os últimos sábados, pessoas de fora adentraram a nave desta igreja e sentaram perto de alguns de vocês. Eu as contratei para vir até aqui e, depois, relatar suas impressões a respeito da aceitação, amizade, com que vocês as receberam, ou sobre a falta disso; além de outros aspectos do culto. Nem mesmo seu pastor estava atento à sua missão nesse sentido. Antes de finalizar meu sermão, vou mostrar-lhes os resultados da pesquisa."

Agora, imagine a congregação mortalmente silenciosa. Avós olham furiosamente para seus netos cochichando; mães praticamente sufocam seus arrulhantes bebês. Adolescentes rapidamente deixam de lado suas revistinhas e seus bilhetinhos, e o pastor olha como se estivesse petrificado. Jamais um pregador teria captado tão rapidamente a atenção do povo.

Mesmo assim, não penso que o pastor e os leitores estão esperando por um extenso relatório sobre o tema do meu sermão (essencialmente, eu mostrei que a mensa-

gem do primeiro anjo é um povo que dá glória a Deus, permitindo-Lhe revelar Sua genuína bondade através de Seus atos). Trinta minutos depois, comecei a dar o esperado relatório, o qual, na verdade, variou de igreja para igreja. Aqui está uma seleção dos comentários que eu partilhei:

"Atmosfera condutora ao louvor."

"Assentos confortáveis."

"Apreciei o calor entre o pastor e a congregação, além da apresentação dos convidados", disse o repórter.

"Fiquei do lado de fora, por algum tempo, na Escola Sabatina. O sermão foi ótimo, e todos me fizeram sentir bem-vindo."

"Eu especialmente gostei da atmosfera aberta, a falta de pressão, e o culto jovem." Perguntada se a igreja despertou-lhe a vontade de retornar na próxima semana, essa pessoa respondeu: "Indiscutivelmente, sim."

"Um senso de amizade numa grande família."

"A igreja faz realmente um grande trabalho com os visitantes; muito melhor que qualquer outra igreja a que eu tenha visitado antes."

"Os membros parecem ter o amor ensinado por Jesus."

A última citação foi feita por uma senhora de 50 anos. Ela apreciou de tal modo a igreja sulina que voltou várias vezes, e foi batizada. Em cada uma das três igrejas, o visitante tem alguma coisa graciosa para dizer: "O espírito sociável desta igreja pode derreter montanhas de gelo", observou uma pessoa que também já foi batizada. E, se você está ansioso para saber, eu partilhei as observações com cada pastor.

O lado negativo

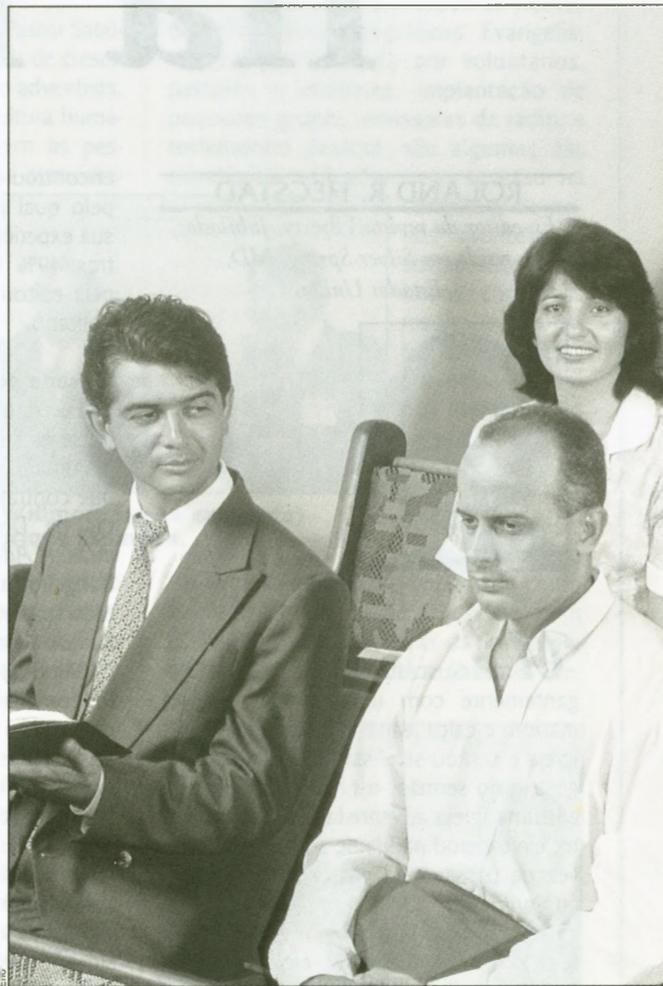
No entanto, agora vamos nos deter um pouco nas observações negativas:

"A atmosfera era fria. As pessoas comunicam através de gestos."

"Eu não me senti parte do grupo. Ninguém perguntou quem eu era." Mas devo informar que em uma das igrejas, uma irmã convidou um dos meus contratados visitantes para almoçar em sua casa.

Um dos sentimentos experimentados por um visitante, quando ele entrou na

igreja, é assim descrito: "Eu estava apreensivo e curioso." Provavelmente a atitude de muitos que entram pela primeira vez numa igreja. "Eu tive de agüentar duramente o barulho de uma criança. Talvez por ter escolhido sentar-me atrás." Mas, talvez, para nós, esse incômodo acontece porque nos esquecemos de construir uma sala especial para as mães. No entanto, o visitante pastor metodista, embora observando que o "choro e a agitação" das crianças "incomodavam", expressou prazer com a atmosfera familiar. Eis outros dos seus comentários:



"Nenhuma palavra de boas-vindas transmitida por algum diácono ou recepcionista. Encontrei lugar para sentar, sem qualquer ajuda. Ninguém falou comigo, ninguém sorriu ou acenou para mim. Visitantes que eram amigos dos membros foram apresentados. Eu nem mesmo fui notado. Quando saí, um diácono à porta disse 'oi'. Os membros eram frios e indiferentes."

Sua observação sobre o programa de culto: "Eu não fui para criticar, mas para

adorar. Foi o primeiro culto adventista a que assisti. Um lindo santuário, mas destituído dos símbolos cristãos. A dedicação de crianças foi impressionante. O local para os adoradores ajoelharem era muito duro. Um grande número de crianças foi à frente recitar versos. A congregação cantou poucas vezes. Os hinos pareciam irrelevantes, incidentais. Senti falta de fluência no louvor, de afirmação de fé e bênção. O sermão diálogo foi bem feito e enalteceu a relevância das Escrituras para os problemas atuais.”

Um profissional liberal, com aproxi-



madamente 30 anos, disse: “O pregador, convidado especial do escritório da Associação, era cansativo. Eu cochilei várias vezes. Não aprendi muito a respeito da filosofia da Igreja. O pastor fez as apresentações, faltava entusiasmo na congregação. Havia, é verdade, um forte senso de família. Não tenho dúvida de que a religião desempenha um papel muito grande na vida daquelas pessoas. Coloquei meu endereço e o número do meu telefone no envelope de oferta, incluindo 40

dólares; mas até agora ninguém ligou para dizer nada.”

Pão com amendoim

Nesta altura, você pode estar pensando que eu me esqueci do pastor sobre o qual falei no início deste artigo. Não, eu não me esqueci de dizer-lhe a razão pela qual ele virou as costas ao diácono batista visitante. Primeiramente, entretanto, umas poucas observações mais. Estou preocupado em vista da avaliação feita pelo ministro metodista, sobre uma igreja fria e indiferente. Talvez fosse melhor dizer que estou desajeitado ou assustado. Em todo caso, esta é minha generosa avaliação de uma congregação na Pensilvânia, à qual eu e minha esposa visitamos recentemente, durante uma semana de férias.

Chegamos à igreja, que talvez tenha 80 membros, e não havia ninguém à porta. Era justamente o momento da Lição da Escola Sabatina (havia umas três classes funcionando no santuário). Sentamos em uma classe à esquerda da nave. O professor, não apenas deixou de perguntar nosso nome, como nem olhou para nós, durante todo o período da lição. Finda a Escola Sabatina, mudamos de lugar um pouco mais para a frente. O pregador era um leigo; pois o pastor estava visitando outra igreja do distrito. Ninguém aproximou-se de nós. Ninguém perguntou como nos chamávamos.

Ao final do culto, puxei o pregador a um canto e, com um sorriso, apresentei-me e à minha esposa aos meus irmãos e irmãs da família adventista. Os acenos foram superficiais; os apertos de mão foram apressados. Com as mãos abanando, minha esposa e eu ficamos sós. Pegamos nosso carro, dirigimo-nos a um parque, e comemos nossos pães com creme de amendoim.

Isso não pode acontecer. Nós podemos treinar recepcionistas e diáconos. Mas não podemos treinar amor. Somente quando o amor de Deus entra em nosso coração, podemos realmente mostrar amoroso interesse por outras pessoas. De

fato, se me lembro corretamente, esta foi a maneira como terminei cada sermão nas três igrejas pelas quais fui convidado a pregar numa ocasião significativa de sua história.

Porventura, fazem os comentários dos meus estranhos amigos alguma diferença em sua missão? Sim. Um exemplo: a liderança de uma das igrejas envolvidas reconheceu-se a si mesma na coluna do jornal que publicou a pesquisa. A comissão local reuniu-se para discutir a reportagem. Uma semana antes, os líderes haviam negado um pedido de uma igreja batista vizinha para alugar o seu ginásio uma noite por semana. A ação foi revista. O pedido foi atendido. Eu não sei se essa igreja batista era a do diácono mencionado no início desta matéria. Espero que sim.

E quanto ao pastor que lhe voltou as costas? Não o fez por causa da sua raça. O pastor ficou mortificado quando eu telefonei-lhe falando sobre o relato do diácono, e pedindo-lhe explicação. “Você sabe”, ele disse, “uma semana antes, um estranho apresentou-se para mim depois do culto como um adventista que sofrera um inesperado prejuízo financeiro, e necessitava de uma ajuda emergencial. Dei-lhe 80 dólares, apenas para descobrir, dois dias mais tarde, que tratava-se de uma pessoa que enganara outras igrejas com a mesma história naquelas últimas semanas. Quando vi aquele estranho diante de mim, com as mãos estendidas, pensei: ‘ai está mais um.’ E sai de perto.”

Devo dizer que esse pastor tem uma excelente folha de serviço e, acredito, verdadeiramente ama seu Senhor. Ele confessou seu errôneo julgamento e, com a ajuda da comissão local, imprimiu na congregação um mais sensível e amoroso curso de ação entre a comunidade.

Espero que a experiência produza mudanças. Na verdade, desde que ela começou a ser divulgada, tenho observado que os recepcionistas da minha igreja estão recebendo os visitantes com nova intensidade, afetividade, e com mais calorosos e firmes apertos de mão. Essa mudança tem lá seus perigos. Poucas semanas atrás, de volta para casa, depois do culto sabático, fui abordado por uma senhora estranha que acenava, perguntando se eu não poderia inscrevê-la em nosso livro de hóspedes.

“Pastor Hegstad”, ela insistia, “você me conhece. Sou membro da igreja por 20 anos.”

Talvez ela tenha tocado numa ferida ainda mais profunda.

Ellen White e o dízimo

ALBERTO R. TIMM

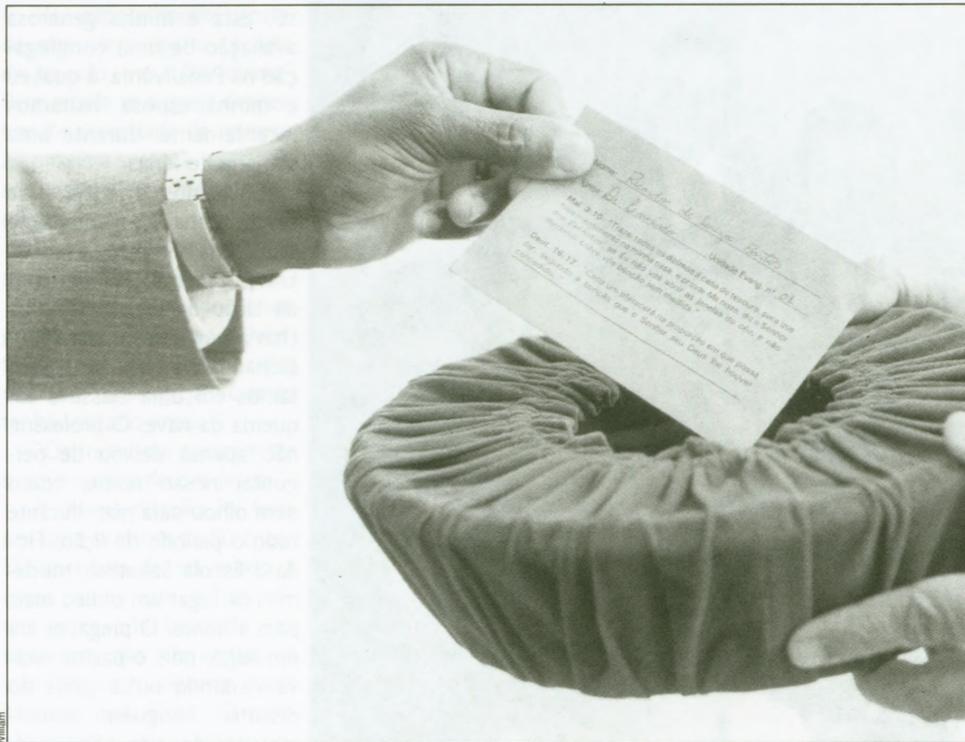
Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White e professor de Teologia no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

Tmbora o sistema de entrega do dízimo, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, já estivesse em vigência no final do século 19, recentemente têm surgido controvérsias sobre sua aplicação prática. Membros que perdem a confiança na administração da Igreja desviam, às vezes, o dízimo para grupos e ministérios independentes. Tal procedimento é justificado através de algumas citações de Ellen G. White, que descrevem suas práticas pessoais de dizimar.

Muitas dessas críticas são adequadamente discutidas em *The History and Use of the Tithes*, documento do Ellen G. White Estate; *Ellen G. White: The Early Elmhaven Years*, de Arthur L. White;¹ e *Dízimo: Conselho e Prática de Ellen G. White*, de Roger Coon (série de cinco artigos publicados pela *Revista Adventista*, nos meses de agosto, setembro, novembro e dezembro de 1992 e janeiro de 1993). Parece, entretanto, que seria conveniente uma análise direta de quatro declarações específicas de Ellen G. White. Será considerado, ao longo deste artigo, que onde ela discute o seu uso do dízimo, geralmente está se referindo aos primeiros 10% de seus lu-



cros.

Lugares humildes de adoração

A primeira declaração é de 1897. As igrejas de Oakland, Califórnia, e de Battle Creek, Michigan, estavam enfrentando sérios problemas em face de suas "volumosas" despesas.² Sendo que algumas congregações estavam utilizando o dízimo para cobrir despesas operacionais,³ membros dessas duas igrejas escreveram a Ellen White, que se achava na Austrália, perguntando se era próprio desviar parte do dízimo para resolver sua situação. Em 14 de março de 1897, ela respondeu:

"Daquilo que me tem sido mostrado, o dízimo não deve ser retirado da tesouraria. Cada centavo deste dinheiro pertence ao tesouro sagrado do Senhor, a fim de ser empregado em uma finalidade especial.

"Houve um tempo em que era feito muito pouco trabalho missionário, e o dízimo estava se acumulando. Em alguns casos, o dízimo foi usado para finalidades semelhantes às que são propostas. Quando o povo do Senhor sentiu-se despertado para fazer trabalho missionário na Pátria e nas missões estrangeiras, e enviar missionários a todas as partes do mundo, aqueles que lidavam com interesses sagrados deveriam ter tido discernimento claro e santificado para compreender como os meios deveriam ser utilizados...

"A luz que o Senhor me tem dado sobre este assunto é que os meios da tesouraria para o sustento dos ministros nos diferentes campos não devem ser usados para nenhum outro propósito."⁴

Mas no dia seguinte, ela acrescentou:

“Há casos excepcionais, onde a pobreza é tão extrema que a fim de assegurar o mais humilde lugar de adoração, pode ser necessário utilizar o dízimo. Mas esse lugar não é Battle Creek ou Oakland.”⁵

A primeira declaração mostra claramente que embora o dízimo houvesse sido usado anteriormente para despesas locais, tal uso, porém, deveria cessar devido aos grandes desafios missionários e também por causa da crescente luz concernente ao dízimo. Mas a segunda afirmação fala de “casos excepcionais” à regra, envolvendo lugares de adoração muito pobres.

Uma análise cuidadosa sugere que Ellen White está se referindo a uma genuína



situação missionária, em que o edifício da igreja é descrito como “o mais humilde lugar de adoração”. O problema não é a construção, renovação, melhoria, ou manutenção de uma igreja em uma área bem estabelecida (o que ela desaprova energeticamente, no mesmo contexto),⁶ mas o perigo de perder o próprio “lugar de adoração”, prejudicando assim a missão da igreja naquele lugar atingido pela pobreza.

Ajuda a obreiros necessitados

Um segundo comentário de Ellen White concernente ao dízimo é uma declaração verbal, sem data, que ela fez ao seu filho W. C. White:

“O Senhor tem-me mostrado que a experiência de pobreza e privação pela qual seu pai [Tiago White] e eu passamos nos

primeiros dias de nossa obra, me tem dado uma clara apreciação e simpatia por outros que estão passando por experiências semelhantes de carência e sofrimento. E onde vejo obreiros desta causa que têm sido fiéis e leais à obra, que são deixados a sofrer, é meu dever falar em seu favor. Se isto não comove os irmãos a ajudá-los, então eu devo ajudá-los, mesmo que para isto eu seja obrigada a usar uma parte do meu dízimo.”⁷

Embora a data específica dessa afirmação não seja conhecida, W. C. White explica que “essas experiências se relacionam principalmente com os anos em que nós [ele e sua mãe] estávamos na Europa [1885-1887] e Austrália [1891-1900], e com os anos de 1900 a 1906, em favor da obra nos estados do Sul”.⁸ Se analisarmos a realidade da obra adventista na Europa, Austrália e nos estados do Sul, durante esses respectivos períodos, veremos que cada um desses lugares era naquele tempo um campo missionário sem adequada provisão financeira. Os membros dos campos estabelecidos não estavam suficientemente preocupados em ajudar as missões.

Na assembléia da Associação Geral de 1901, Ellen White enfrentou o problema: “Eu disse ao Senhor que quando chegasse a Battle Creek desta vez, vos inquiriria porque retivestes os meios da obra na Austrália.”⁹ Somente com a reorganização da Associação Geral em 1901, veio “uma solução” para melhor sustento das missões.¹⁰ Sendo que às vezes a própria Organização não provia meios adequados para seus missionários, Ellen White sentia ter um dever especial para com os obreiros que, conquanto “fiéis e leais à obra”, eram deixados a enfrentar privações e sofrimento. Sempre que encontrava obreiros em tais circunstâncias, primeiro tentava resolver o problema falando “em seu favor” aos administradores locais. Se isso “não comovia os irmãos a ajudá-los”, então ela considerava que era seu próprio dever ajudá-los, mesmo que isso significasse usar uma parte do seu dízimo.

W. C. White, comentando sobre a declaração a ele feita por Ellen White, faz uma clara distinção entre seus procedimentos normal e esporádico. Explica que, embora “um dízimo integral” fosse “devolvido sobre o seu salário [ao] tesoureiro da igreja ou da Associação”, usos ocasionais do dízimo dos “direitos autorais” iam para satisfazer as necessidades desses obreiros que estavam sofrendo. Ele argumenta que conquanto sua mãe pudesse fazer tais usos especiais do dízimo devido à “iluminação es-

pecial” que ela recebia do Senhor como parte de sua autoridade profética, nem “os membros da igreja” nem “ministros” estão autorizados a agir semelhantemente.¹¹

É significativo que ela anunciou sua declaração com a expressão “o Senhor me mostrou”. Para Ron Graybill, tal expressão significa “que o que foi escrito foi escrito sob a inspiração do Espírito de Deus”.¹² Assim, ao declarar que o Senhor lhe havia mostrado que fizesse tais aplicações especiais do seu dízimo, Ellen White está evidentemente enfatizando sua singular autoridade profética para agir de tal modo.

Portanto, Ellen White reconheceu claramente, nessa segunda declaração, 1) que fez alguns usos especiais de seu próprio dízimo; 2) que tais aplicações eram feitas apenas em relação a problemas negligenciados pela Organização; e 3) que ela fazia isso com base em seu discernimento profético.

Apoio ao Sul negligenciado

Uma declaração mais detalhada sobre a utilização especial do dízimo encontra-se numa carta escrita por Ellen White em 22/01/1905, a G. F. Watson, presidente da Associação do Colorado. Ao reprovar a atitude crítica de Watson contra o envio do dízimo para sustentar a obra no Sul, disse ela:

“Tem-me sido apresentado, durante anos, que meu dízimo deveria ser utilizado por mim mesma para auxiliar pastores brancos e negros, que foram negligenciados e não receberam o suficiente para sustentar suas famílias. Quando me foi chamada a atenção para os ministros idosos, brancos ou negros, era minha obrigação especial investigar sobre suas necessidades e supri-las. Essa era minha obra especial e tenho feito isso em vários casos. Ninguém deveria dar notoriedade ao fato de que em casos especiais o dízimo é usado desse modo.

“Quanto à obra entre os negros do Sul, aquele campo tem sido e ainda está sendo despojado [em 1905] dos meios que deveriam ir para os obreiros daquele campo. Se tem havido casos em que nossas irmãs têm utilizado o seu dízimo para o sustento dos ministros que trabalham pelos negros do Sul, que cada homem, se for sábio, fique calado.

“Eu mesma tenho utilizado meu dízimo para os casos de maior necessidade trazidos ao meu conhecimento. Tenho sido instruída a fazer isso; e como o dinheiro não é retirado do tesouro do Senhor, não é um assunto sobre o qual se deva comentar, pois seria necessário que eu tor-

nasse conhecidos estes assuntos, o que não desejo fazer, por não ser o melhor.

"Alguns casos têm sido colocados diante de mim por anos, e tenho suprido suas necessidades do dízimo, conforme Deus me tem instruído a fazer. E se qualquer pessoa me disser: 'irmã White, a senhora utilizaria o meu dízimo para empregá-lo onde é mais necessário?', eu direi: 'sim, o farei'; e tenho feito isso. Louvo a essas irmãs que têm destinado seu dízimo aos locais mais carentes para ajudar a fazer uma obra que está sendo negligenciada, e se for dada publicidade a este assunto, criar-se-á uma prática que seria melhor que se evitasse. Não me preocupo em dar publicidade a esta obra que o Senhor me indicou, bem como a outros, a fazer.

"Estou tratando deste assunto para que você não cometa um erro. As circunstâncias alteram os casos. Eu não aconselharia ninguém a tornar um hábito juntar o dinheiro do dízimo e não devolvê-lo aos cofres da igreja. Mas durante anos tem havido de vez em quando pessoas que perderam a confiança na utilização do dízimo e o têm colocado em minhas mãos, afirmando que se eu não aceitasse, elas mesmas b utilizariam para as famílias dos ministros mais necessitados que pudessem encontrar. Eu tenho levado o dinheiro, dando-lhes um recibo, e tenho dito a essas pessoas como o dinheiro foi aplicado."¹³

A reorganização da estrutura da Igreja Adventista, em 1901, com algumas revisões em 1903, abriu novas fronteiras ao desenvolvimento das missões em uma dimensão mundial. Todavia, o campo do Sul ainda continuava sendo "o campo mais necessitado e mais desanimador do mundo".¹⁴ Além disso, somente a partir de 1910, a igreja ofereceu amparo sistemático "para o sustento dos obreiros enfermos e idosos e das viúvas e filhos dos obreiros falecidos".¹⁵

Em tal contexto, Ellen White explica que "durante anos" o Senhor tinha colocado sobre os seus ombros a "responsabilidade especial" de investigar as necessidades dos "ministros brancos e negros que eram negligenciados e não recebiam o suficiente para sustentar suas famílias". "ministros idosos, brancos ou negros" mereciam especial atenção. E novamente ela apela para a sua autoridade profética, declarando que Deus a "instruiu" a suprir "suas necessidades com o dinheiro do dízimo".

Conquanto haja uma estreita ligação entre o conteúdo da carta a Watson e a anterior declaração verbal feita a W. C. White, essa carta vai muito além da decla-

ração anterior. Ela explica que não somente 1) utilizou o seu próprio dízimo para a maioria dos casos de necessidade, mas também 2) aceitou dízimo de outros para distribuí-lo a seu critério, e também 3) que, em alguns casos, os membros, em vez de devolver o dízimo às suas próprias Associações, enviavam-no para os ministros que evangelizavam o necessitado campo do Sul. Ela não via nenhum motivo para reprová-los, porque "o campo do Sul tem sido e ainda está sendo despojado dos meios que deveriam ir para os obreiros daquele campo".

O uso de expressões tais como "isto me tem sido apresentado durante anos"; "minha atenção foi chamada"; "tenho sido instruída a fazer isto"; "alguns casos têm sido colocados diante de mim por anos"; e "conforme Deus me tem instruído a fazer" parece confirmar a singular autoridade profética de Ellen White, conforme a declaração verbal a W. C. White sobre o mesmo assunto. Mas a frase "esta obra que o Senhor me tem indicado a fazer, bem como a outros para fazer" não é tão clara como as anteriores. Surge, naturalmente, a pergunta: O Senhor revelou a esses outros a responsabilidade de ajudar os obreiros pobres do mesmo modo que o fez a Ellen White?

Respondendo a essa pergunta, devemos nos lembrar, primeiro, de que Ellen White mencionou que ela louvava "essas irmãs" que aplicavam seus dízimos dessa maneira. Embora não tenhamos nenhuma base para afirmar que todo o dízimo particular enviado para o Sul provinha do conselho direto de Ellen White, ela obviamente preferia aceitar o dízimo, dar um recibo, e enviá-lo para onde achava que era mais necessário, em vez de permitir que indivíduos o aplicassem de acordo o seu critério pessoal.

Embora Ellen White afirmasse que pessoalmente aceitava o dízimo de membros que queriam "ajudar a fazer a obra que necessitava ser feita", também advertia contra a prática de "juntar e reter o dinheiro do dízimo". Sendo que recebia o dízimo e aplicava-o somente em casos especiais e sempre em harmonia com instruções recebidas diretamente de Deus, isto não podia ser considerado como uma retenção do dízimo "do tesouro do Senhor". Mas também reconhecia que embora estivesse fazendo uma "obra especial", alguns membros certamente compreenderiam mal. De sorte que acrescentou ao mesmo tempo que isto não era "um assunto sobre o qual se devesse comentar" e "ninguém deveria dar notoriedade" a isto, porque "se fosse dada publicidade a esse assunto, isso criaria uma prática

que seria melhor ser deixada como está".

Então, finalmente, um dos principais sonhos de Ellen White tornou-se realidade por meio do estabelecimento do plano de assistência, efetivado em 1911. Como resultado, em 7 de março daquele ano, ela escreveu a E. R. Palmer, secretário da Comissão do Fundo de Assistência:

"Tenho falado muitas vezes no passado sobre o nosso dever de sustentar os necessitados entre os obreiros do Senhor que, por causa da idade, ou por motivo de fraqueza causada por abandono ou trabalho árduo na obra do Senhor, não podem mais suportar os fardos que uma vez carregaram... Meus irmãos, é correto que sejam lançados planos seguros para o sustento de nossos obreiros idosos, ou dos obreiros mais jovens que estejam sofrendo por causa do excesso de trabalho. É justo que seja criado um fundo para amparar a esses fiéis soldados que ainda anseiam dispor de todas as suas energias físicas e intelectuais para dar a última advertência ao mundo."¹⁶

Pode-se afirmar que uma vez que tais inadequadas circunstâncias financeiras tenham sido remediadas, Ellen White cessou sua aplicação especial do dízimo.

Para as esposas

Um quarto exemplo em que Ellen White fala sobre uma utilização especial do dízimo encontra-se em uma carta a G. A. Irwin, I. H. Evans, U. Smith e A. T. Jones, de 21/04/1898. Nessa carta ela discute o assunto de algumas esposas de pastores que trabalhavam em período integral, sem salário.¹⁷ Esse problema não era novo. Em 22/03/1898, enquanto tratava da situação das mulheres como obreiras na causa de Deus, ela explicou que havia recebido "luz sobre esse assunto", mesmo antes da sua ida para a Austrália em 1891:

"Alguns assuntos têm sido apresentados a mim com respeito aos obreiros que estão procurando fazer tudo o que está em seu poder a fim de ganhar almas para Jesus Cristo... Os ministros são pagos pelo seu trabalho, e isso está certo. E se o Senhor dá à esposa bem como ao esposo a responsabilidade do trabalho, e ela dedica seu tempo e suas energias para fazer visitas de família em família, abrindo-lhes as Escrituras, apesar das mãos da ordenação não terem sido postas sobre ela, está realizando uma obra que está no ramo do ministério. Aca-so devem seus labores ser considerados como nada, e o salário do seu esposo não ser nada mais do que o de um servo de Deus cuja esposa não se dedica à obra, mas fica

em casa para cuidar de sua família?

"Fui instruída de que há assuntos que devem ser considerados. Tem-se feito injustiça às mulheres que trabalham tão devotadamente como seus esposos e que são reconhecidas por Deus como sendo tão necessárias à obra do ministério como seus maridos. O método de pagar aos homens que trabalham e não às suas esposas é um plano que não está de acordo com a ordem do Senhor. Faz-se assim injustiça. Comete-se um erro. O Senhor não favorece este plano. Este arranjo, se levado a cabo em nossas Associações, é capaz de desanimar nossas irmãs de se qualificarem para a obra na qual deveriam se empenhar."¹⁸

Um mês depois, em 21/04/1898, enquanto tratava do mesmo problema, ela foi mais longe, mencionando alguns nomes específicos:

"Há esposas de ministros, as irmãs Starr, Haskell, Wilson e Robinson, que têm sido obreiras consagradas, diligentes e sinceras, dando estudos bíblicos e orando com as famílias, ajudando com seus esforços pessoais tão bem-sucedidos como os de seus esposos. Essas mulheres dedicam todo o seu tempo, e lhes é dito que não recebem nada por seus labores porque seus esposos recebem salário. Digo-lhes que continuem e que todas essas decisões serão revistas. Diz a Palavra: 'Digno é o trabalhador do seu salário' (Luc. 10:7). Quando for tomada qualquer decisão como esta, protestarei em nome do Senhor. Sentirei ser meu dever criar um fundo do dinheiro do meu dízimo para amparar a essas mulheres que estão realizando uma obra tão essencial como a dos ministros, e reservarei esse dízimo para a obra do mesmo ramo que a dos ministros, que são caçadores e pescadores de almas."¹⁹

Ao analisar tais declarações, lembremo-nos de que Ellen White está escrevendo especificamente sobre esposas de ministros que assumiram "o fardo do trabalho", dedicando todo o seu tempo e energias a "dar estudos bíblicos e orar com as famílias" e a "educar" os novos crentes. Embora aquelas mulheres incorressem em despesas pessoais ao se dedicarem em tempo integral ao ministério, permaneciam sem salário. Ellen White considerava isso um "erro" e uma "injustiça" que "o Senhor não favorece". Porque "digno é o trabalhador do seu salário", e aqueles que "pregam o evangelho que vivem do evangelho" (I Cor. 9:14).

Ela considera ser seu "dever criar um

fundo" do dízimo "para pagar a essas mulheres" Noutro lugar ela diz: "Deus é um Deus de justiça, e se os ministros recebem pagamento por seu labor, as esposas, que se consagram à obra com igual desprendimento, devem ser pagas além do ordenado que os maridos recebem, mesmo que elas não o solicitem."²⁰

Talvez para retificar a situação, em 1900, a Comissão da Associação Geral estabeleceu uma Comissão Sobre o Trabalho da Mulher. A Sra. Haskell era um de seus membros.

A interrogação que agora permanece é se essas declarações de Ellen White acerca do pagamento de salário às esposas de ministros se referem apenas aos exemplos específicos aqui mencionados, ou se elas também provêm um critério para solver casos injustos de hoje. É oportuno lembrar que ela não está defendendo aqui qualquer posição pró ou contra a ordenação de mulheres. Sua preocupação era a injustiça financeira para com as esposas de ministros, que trabalhavam em regime de tempo integral sem remuneração.

Alguém poderia encontrar algum tipo de endosso para uma aplicação especial do dízimo na solução de situações de extrema injustiça financeira para com aqueles que trabalham "no ramo do ministério". Mas o problema é definir o que é verdadeiramente uma situação de injustiça.

Deus não mudou

Analisando as quatro principais declarações de Ellen White quanto ao uso especial do dízimo, vemos que cada uma lida com um problema financeiro específico. Embora a primeira permita a utilização do dízimo para evitar a perda do "mais humilde lugar de adoração" em um contexto missionário, não endossa o emprego do dízimo para construção, reforma, melhoria, ou manutenção de uma igreja em uma área já estabelecida. Ela desaprova veementemente essa atitude, no mesmo contexto.

As outras três declarações tratam de encargos financeiros singulares de obreiros sofreadores negligenciados pela Organização e de algumas esposas de pastores que trabalhavam como instrutoras bíblicas sem receber salário. Ao passo que nas três primeiras declarações, tanto o lugar de adoração quanto os obreiros são vistos em um claro contexto missionário, a quarta não se refere necessariamente a tais circunstâncias.

Esses quatro usos especiais do dízimo

mostram um paralelismo perfeito entre a existência de um problema financeiro e uma correspondente solução. Em parte alguma Ellen White advoga a pressão financeira para forçar uma mudança das normas denominacionais. Embora essas declarações provejam alguns princípios para uma distribuição correta do dízimo, elas não devem ser enfatizadas além do seu intento original. Ainda que aprovasse a atitude de algumas pessoas enviarem o seu dízimo para campos extremamente necessitados, em algumas situações especiais, Ellen White não recomenda isso como uma prática regular. Ao contrário, ela escreveu em 1907:

"Que ninguém se sinta em liberdade de reter o seu dízimo para usar segundo o seu próprio discernimento. Não devem usá-lo para si mesmos em uma emergência, nem aplicá-lo como acham conveniente, mesmo no que possam considerar como sendo a obra do Senhor... Que a obra não seja mais obstruída por causa do dízimo que tem sido desviado para vários outros canais que não aquele para o qual o Senhor disse que deveria ir. Deve ser feita provisão para estes outros ramos da obra. Devem ser sustentados, mas não do dízimo. Deus não mudou; o dízimo ainda deve ser usado para o sustento do ministério."²¹

Referências:

- 1 Arthur White, *Ellen G. White: The Early Elmshaven Years*. Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1981; págs. 389-397.
- 2 Ellen G. White, *Manuscript Releases*, Washington D.C.; E. G. White Estate, 1981, vol. 1, pág. 182.
- 3 *Ibidem*, pág. 191.
- 4 Ellen G. White, *Special Testimonies for Ministers and Workers*. Battle Creek MI: 197, vol. 10, págs. 16-18.
- 5 *Idem*, *Manuscript Releases*, vol. 1, pág. 189.
- 6 *Idem*, *Special Testimonies for Ministers and Workers*, vol. 10, págs. 16-18.
- 7 *Idem*, in Arthur White, *Op. Cit.*, pág. 393.
- 8 W. C. White, *Idem. idem*.
- 9 Ellen G. White, "In the Religions Beyond", *General Conference Bulletin*, 1901, pág. 84.
- 10 Arthur W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists*. Washington D.C.: Review and Herald, 1962, vol. 3, pág. 44.
- 11 W. C. White, "Regarding the use of the tith",
- 12 Ron Graybill, "The 'I saw' Parallels in Ellen G. White Writings", *Adventist Review*, 29/07/1982
- 13 Ellen G. White, in Arthur White, *Op. Cit.*, págs. 396 e 396.
- 14 *Ibidem*, págs. 394 e 395.
- 15 W. A. Spicer, "General Conference Committee Council", *Review and Herald*, 11/12/1910, págs. 13 e 15; A. G. Daniells, "The Sustentation Fund", Washington D.C.: Associação Geral da IASD, 1910, págs. 14 e 15.
- 16 Ellen G. White, *Manuscripts Releases*. Silver Spring, MD: E. G. White Estate, 1990, vol. 3, pág. 272.
- 17 *Ibidem*, vol. 12, págs. 160 e 161.
- 18 *Ibidem*, vol. 5, pág. 323.
- 19 *Ibidem*, vol. 12, págs. 160 e 161.
- 20 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 5ª edição, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993, pág. 453.
- 21 *Idem*, *Testimonies for the Church*, Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, vol. 9, págs. 247-250.

A estratégia do sucesso

JOEL SARLI

Secretário ministerial associado da
Associação Geral dos Adventistas
do Setimo Dia



Atualmente, uma das maiores necessidades da Igreja é investir em programas de treinamento para sua liderança voluntária. Antes de qualquer coisa, treinar os membros das igrejas para a missão é uma injunção bíblica. Nas Escrituras, nós encontramos que alguns dons do Espírito Santo são designados para equipar os membros do corpo de Cristo, a Igreja, para o serviço: "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (Efés. 4:10 e 11).

Nenhum ministério é colocado acima do outro, e há uma interdependência de ministérios. A carta de Paulo aos efésios torna claro que Cristo deu à Igreja um sistema de reciprocidade ministerial – cada parte servindo e equipando as outras partes para a suprema missão da igreja.

À parte essa verdade, o treinamento se justifica hoje por vários motivos. Primeiramente, o rápido crescimento numérico de membros. Em segundo lugar, o declínio da economia, em todas as partes do mundo, afeta os recursos para empregar mais pastores. E, o terceiro motivo, com uma nova mentalidade a respeito de liderança, verifi-

ca-se maior interesse da nova geração em participar no processo de decisão.

Como resultado do rápido crescimento que a Igreja tem experimentado nos últimos anos, muitos anciãos, e mesmo pastores, não têm tido o tempo necessário para obter a devida experiência dentro do sistema adventista e sua mensagem, antes de assumirem um cargo de liderança. Muitas pessoas escolhidas como líderes não estão preparadas para a função que lhes é designada; necessitam conhecer melhor quais são as prioridades da Igreja e sua missão, necessitam tornar-se familiarizadas com o sistema administrativo denominacional, necessitam orientação sobre procedimentos, além de conhecer as credenciais proféticas e históricas da Igreja Adventista.

"Grande cuidado deve ser exercido em selecionar oficiais para as novas igrejas. Que sejam homens e mulheres convertidos. Que aqueles que são escolhidos sejam aptos a instruir e que possam ministrar não apenas em palavras, mas em atos." – *Testimonies*, vol. 6, pág. 65.

Os membros, hoje, desejam participar de cada estágio do programa da Igreja, tais como a elaboração de planos e o processo de tomar decisões. Possivelmente, uma razão do surgimento de muitos ministérios independentes que atuam em algumas áreas do mundo, tenha sido a lentidão da Igreja em reconhecer tal necessidade.

Time pastoral

É imperativo que mudemos nossa filosofia de pastorear a congregação local. Temos de aceitar a idéia de que o pastor deve trabalhar com uma equipe. Liderança de grupo ou de equipe é o estilo de liderança que se ajustará à nova situação da igreja. Em Jesus Cristo e Seu trato com os discípulos, encontramos o mais notável exemplo desse conceito. Ao lado deles, ensinava-lhes a teoria e a prática missionárias. Não surpreende que, depois da ascensão do Senhor, os apóstolos, cheios do Espírito Santo, tenham sacudido as estruturas do seu tempo.

"Temos diante de nós a maior das

obras", diz Ellen White. "O perigo que ameaça a nossa atividade e que se demonstrará ser nossa ruína, caso não seja visto e vencido, é o egoísmo: dedicar a mais elevada estima aos nossos planos, nossas opiniões, e nossos trabalhos, e agirmos independentemente de nossos irmãos. 'Aconselhai-vos mutuamente' têm sido as palavras freqüentemente pelos anjos." – *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pág. 252.

É um fato sobejamente conhecido que, em cada sábado, mais sermões são pregados por anciãos, mais serviços de culto e adoração são conduzidos por esses dedicados líderes do que por pastores ordenados. Segundo os números do Departamento de Estatística da Associação Geral, há 18 mil pastores ordenados para servir aos dez milhões de membros, distribuídos em 80 mil igrejas e grupos. Tirando os pastores que exercem funções administrativas, pode-se rapidamente compreender o escopo da necessidade de pastores na seara do Mestre. Temos de depender mais e mais da capacidade e da habilidade de anciãos bem treinados do que da liderança dos pastores.

Em virtude de ser o ancião o auxiliar mais próximo do pastor, é preciso fazer do seu treinamento uma prioridade. E nesse programa, o pastor é o elemento-chave. Devemos multiplicar o número daqueles que devem ser habilitados para o ministério do treinamento na igreja. Muitos anciãos podem aprender a arte de treinar e educar novos líderes nas congregações locais. Isso será um incentivo para eles, e aumentará grandemente o potencial para dinamizar a comunidade para o trabalho.

A Associação Ministerial está procurando criar recursos de treinamento e incentivar os pastores para aceitarem a idéia de usar uma parte de seu tempo no processo de treinar os líderes locais.

Nesta altura, novamente vale lembrar o que Deus nos tem falado através do ministério profético de Ellen G. White:

"Deus espera que Sua Igreja discipline

e prepare seus membros para a obra de iluminar o mundo. ... Não deve haver demora neste bem planejado esforço por educar os membros da igreja.

"Em cada igreja os membros devem ser preparados de maneira a devotarem tempo à conquista de almas para Cristo... Aqueles que têm o cuidado do rebanho de Cristo despertem para seu dever, e ponham muitas almas a trabalhar." – *Serviço Cristão*, págs. 58 e 61.

Felizmente, a importância do treinamento tem recebido grande ênfase e aceitação por parte da grande maioria dos líderes denominacionais, e resultados encorajadores têm sido experimentados onde quer que um programa tenha sido seguido de maneira consistente.

No entanto, ainda há espaço para melhorar. No caso da Associação Ministerial, a responsabilidade é de treinar os anciãos para serem ajudantes eficientes dos pastores, principalmente quando eles têm um distrito muito grande, com muitas congregações.

Ação prática

Para que tenha sucesso, qualquer programa de treinamento deve estar vincula-

do ao serviço prático. Evangelistas são treinados para evangelizar, e não meramente para aprender técnicas novas. O médico é treinado para curar. Isso confere um sentido de realização. Parece-nos que essa é a grande necessidade de programas de treinamento de pastores.

"O que podemos esperar a não ser deterioração de uma vida religiosa, quando as pessoas ouvem sermões após sermões e não colocam em prática as instruções? As habilidades que Deus tem dado, se não forem usadas, degeneram." – *Testimonies*, vol. 6, pág. 425.

A Associação Ministerial, nestes últimos anos, tem procurado colocar na mão dos pastores ferramentas para o treinamento. Uma delas é o *Guia do Ancião*, que contém suficiente material para ser usado em classes de um curso de treinamento. Acompanhando o *Guia do Ancião*, foi preparado o *Guia de Estudo do Aluno*, com orientações para o estudo. Esse recurso, além de servir como base de treinamento, também é um fator de unificação de procedimentos.

Devemos reconhecer o bom programa de uso desse material, que foi elaborado pela Divisão Sul-Americana. Com tais re-

ursos, cada pastor está habilitado a treinar os líderes locais. Sem dúvida, essa iniciativa serviu de estímulo para outras Divisões do mundo.

Por iniciativa da União Central-Brasileira, a *Revista do Ancião* foi lançada em português. Praticamente todo o Brasil está recebendo essa publicação, uma vez que a tiragem é de aproximadamente 15 mil exemplares. Diversos Campos revelaram interesse em recebê-la. A revista está sendo traduzida para o espanhol pela Divisão Interamericana, e distribuída gratuitamente para todos os anciãos do seu território. Trata-se de uma revista de caráter prático, que está formando a sua tradição em nossas igrejas em diversas partes do mundo.

O que deve ficar claro em nossa mente é que devemos aceitar a responsabilidade de despertar, como pastores, para o fato de que a primeira necessidade em nosso trabalho é treinar os membros para o serviço. Ellen G. White afirma que somente quando os "membros unirem seus esforços aos dos pastores, a obra será terminada". Esse é o ideal que temos ao preparar material e incentivar o plano de treinamento de leigos.

Estude o Espírito de Profecia no Seu Computador!

Texto integral dos livros:
Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Atos dos Apóstolos, O Grande Conflito.

- ✓ Tudo em português
- ✓ Compatível com Windows 95 ou 98
- ✓ Facilidade no uso
- ✓ Recursos avançados de pesquisa
- ✓ Permite anotações marginais, sublinhar textos, colocar marca-páginas, etc.
- ✓ Referências bíblicas destacadas (pesquisáveis para sermões, etc.)
- ✓ Exporta textos diretamente para seu processador

Ligue Grátis 0800-552616 Para Fazer Seu Pedido

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Mídia Digital - Mais Um Meio de Comunicação Para a Mensagem

6462 CASA/Campos

As obras de Tiatira

ALMIR FONSECA

*Ex-editor de Ministério, jubilado,
reside em Tatuí, SP*



Os problemas existentes na igreja de Tiatira são bem parecidos com os da igreja de Pérgamo. Deviam, por isso, ser corrigidos com a espada aguda de dois fios, como foram os dessa igreja. Todavia, isso não acontece. À quarta igreja, recomendou Jesus que o apóstolo João escrevesse: "Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao bronze polido" (Apoc. 2:18). São duas características mencionadas no primeiro capítulo (Apoc. 1:14 e 15) do Apocalipse, referentes a Jesus, as quais parecem não ter muito sentido como conteúdo de uma carta, mas que se enquadram perfeitamente no contexto histórico que o Senhor desejava ressaltar.

A carta à igreja de Pérgamo reprovava os membros daquela comunidade religiosa, ou pelo menos alguns deles, por estarem seguindo a doutrina de Balaão, "o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição" (Apoc. 2:14). A mensagem dirigida à igreja de Tiatira, responsabilizava os membros dessa igreja por esses mes-

mos erros (v. 20), isto é, uso de alimentos dedicados aos ídolos e prostituição. Só que, no caso de Tiatira, o texto bíblico refere-se a Jezabel, e não mais a Balaão.

Não quer dizer que os procedimentos seguidos, tanto na igreja de Pérgamo como na de Tiatira, fossem os mesmos utilizados tanto por Balaão como por Jezabel; não havia a edificação de altares dedicados a divindades pagãs em nenhuma das duas igrejas, possivelmente. Havia, porém, doutrinas que levavam aos mesmos resultados. Tanto os esforços empreendidos por Balaão, como os que foram envidados por Jezabel, tiveram por finalidade levar as pessoas que serviam a Deus a se distanciarem d'Ele.

O leitor poderá continuar desejando saber onde está a relação entre os olhos e os pés de Jesus, e o trabalho desempenhado por Jezabel, no meio dos membros da igreja de Tiatira. Realmente, não há referência alguma, feita a olhos, pelo menos de maneira clara, na carta escrita a essa igreja. Entretanto, se voltarmos à história dos tempos em que viveu Jezabel, talvez possamos encontrar a resposta para a nossa interrogação. É bom lembrar que, no caso de Balaão, existiu relação entre a espada de dois fios e a espada pelo anjo que impediu a jumenta de prosseguir. No caso de Jezabel, também há um antecedente relacionado com olhos.

Lembramo-nos de que, quando assumiu o trono de Israel, Jeú recebeu a incumbência de eliminar fisicamente os familiares de Acabe, entre os quais Jezabel. Essa missão, cumpriu-a Jeú em Jezreel. Mas, antes que alguns eunucos atirassem a rainha por uma janela, sabedora de que Jeú havia chegado, Jezabel se "pintou em volta dos olhos, e enfeitou a sua cabeça" (II Reis 9:30). O disfarce, porém, não deu resultado positivo; e, minutos depois, Jezabel estava morta.

Os destinatários da carta a Tiatira por

certo estavam familiarizados com esse episódio; do contrário, não adiantaria ter Cristo a ele Se referido. E, se conheciam a história de alguém que havia causado tantos aborrecimentos aos filhos de Israel, por certo estavam lembrados de que a rainha dos sidônios poucos minutos antes de perder a vida de maneira tão trágica, pintara-se em volta dos olhos, para não ser identificada. Os olhos de Jesus, contudo, não tinham disfarce. Eram como chama de fogo; podiam ver tudo o que se passava na igreja de Tiatira.

Filha de rei

Outros aspectos há, relacionados com Jezabel, que os membros da igreja de Tiatira não deviam esquecer. Um deles é a filiação da "mulher que se diz profetisa". Depois de ter sido lançada pela janela, pensou-se em um enterro digno para ela, pelo fato de ser filha de rei. Parece que o fato de haver-Se Cristo apresentado como Filho de Deus, à igreja de Tiatira, e não apenas como Filho do homem, embora não houvesse diferença para o apóstolo João, entre os dois títulos, devia ensinar a lição de que Jesus era superior a Jezabel. Esta era filha de rei; Jesus, porém, era Filho de Deus. Quem estava pretendendo adotar os costumes de Jezabel devia pensar em como isso ficou evidenciado no monte Carmelo, pelo profeta Elias.

Ao chegarem para recolher o cadáver de Jezabel, as pessoas incumbidas de fazer esse trabalho encontraram poucas partes do corpo da rainha; restavam apenas "a caveira, os pés, e as palmas das mãos" (II Reis 9:35). O restante os cães haviam devorado, de acordo com o que estava profetizado. Os cães não se interessaram pelos pés da petulante rainha, já destronada àquela altura. Os pés de Jesus, por outro lado, são comparados ao bronze polido, ao apresentar-Se Ele à igreja de Tiatira. Podem até ha-

ver sido atravessados por cravos, mas vão ser usados para pisar os inimigos da verdade. Os membros da igreja de Tiatira precisavam ter em mente esse fato.

Estrela da manhã

Conforme já sabemos, as duas coisas que determinam a necessidade de cada igreja estão contidas nos títulos com os quais Jesus Se identifica, bem como na promessa que Ele faz ao vencedor da igreja. Geralmente, os títulos indicam o oposto daquilo que está acontecendo na igreja; Jesus deseja que ela olhe para Ele e procure imitá-Lo, ou pelo menos saiba que Ele continua com as mesmas características que motivaram os seus membros a serem fiéis, pelo menos até um determinado tempo. A promessa ao vencedor é o brinde oferecido à igreja por haver atendido aos apelos feitos por Cristo; é a reposição daquilo que a igreja perdeu.

Os seguidores da "doutrina" de Jezabel tiveram a oportunidade de comparar a filiação, da mesma forma que os olhos e os pés de Jesus com os de Jezabel, e observarem que essas características, isto é, as de Jesus, permaneciam, enquanto as de Jezabel tiveram fim trágico. O apóstolo João havia visto essa diferença (Apoc. 1:13, 14 e 15). Eles deviam confiar no que o vidente de Patmos presenciara, e rejeitar os corruptores ensinados da falsa profetisa e princesa dos sidônios. Muitos apelos foram, para este fim, dirigidos à igreja de Tiatira. "Dei-lhe tempo para que se arrependesse" (Apoc. 2:21) é uma declaração que indica o esforço celestial para trazer de volta a igreja aos caminhos do Senhor, esforço que nem sempre foi correspondido.

Havia, contudo, um remanescente em Tiatira, conforme escreveu João (Apoc. 2:24). Restava não só um grupo de cristãos, mas aspectos doutrinários que deveriam ser preservados: "Tão-somente conservai o que tendes, até que Eu venha." (v. 25). E tem sido assim em todas as épocas. Elias chegou a pensar que Jezabel havia eliminado o povo do Senhor, e que ele fosse o único sobrevivente; até que sua situação não era muito segura – estava sendo grandemente perseguido. Deus, porém, fez ver ao profeta que havia um número bastante grande, que não tinha reverenciado a Baal: "Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou" (I Reis 19:18), afirmou o Senhor ao profeta.

As sombrias circunstâncias em que viviam os cristãos de Tiatira requeriam mensagens que sugerissem clareza, mensa-

gens que apontassem um rumo certo. E ninguém melhor do que Jesus, simbolizado por uma estrela. "Dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã", prometeu o próprio Cristo ao vencedor da igreja de Tiatira (v. 28).

Há quem afirme que Wiclef foi "algumas vezes chamado a 'Estrela da Manhã da Reforma'" (*Revelações do Apocalipse*, pág. 44). Da Reforma pode ter sido; mas não parece ter sido intenção do Senhor Jesus aplicar o título a não ser a Si próprio. Em Apocalipse 22:16, nosso Salvador diz claramente ser "a resplandecente estrela da manhã", sendo também Ele a "estrela da alva" a que se refere o apóstolo Pedro (II Ped. 1:19).

Conhecedor da situação espiritual da quarta igreja, Jesus sabia a que alturas poderia ela chegar, se alcançasse a vitória sobre as más influências que estava tolerando. "Poder sobre as nações", a capacidade de regê-las como Ele haverá de fazer, reduzir a "vasos de oleiro tais nações" – tudo isso constituirá parte de sua experiência futura, quando Cristo voltar. Nada, porém, haverá de comparar-se ao fato de ter Cristo, a "Estrela da Manhã". Aqueles que vencerem haverão de, finalmente, descobrir que acima de todos os privilégios que possam ter, está o de possuir a Jesus. Pelos séculos dos séculos, Aquele que Se entregou por nós continuará sendo o maior oferecimento, seja na forma de um cordeiro, de um bebê ou de uma estrela.

Dom inefável

Os capítulos três e quatro do Evangelho de João falam de Cristo como um dom de Deus. O verso 16 do capítulo três diz que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Ao receberem a promessa de que ao vencedor seria dada a "Estrela da Manhã", os membros da igreja de Tiatira estavam por certo, sendo alcançados pelo amor que levou Deus a dar o Seu Filho unigênito, um amor que Ele deseja ver abrangendo a todo homem ou mulher.

À samaritana, com quem conversou junto ao poço de Jacó, Jesus disse que, se conhecesse "o dom de Deus", haveria de beber de uma água que a satisfaria espiritualmente (João 4:10). E essa água que Ele ofereceu à mulher naquela ocasião, continua ainda à disposição de todo aquele que aceita a Cristo como seu Salvador.

É interessante observar que Lúcifer também é chamado, nas Escrituras, de "estrela da manhã" (Isa. 14:12). "Como caíste do Céu, ó estrela da manhã, filho da alva!", exclama o profeta. Mas cumpre notar, também, que essa estrela da manhã

era uma estrela cadente. O profeta Isaias está atônito com o fato de que Lúcifer tenha caído, diante de tantas honras que possuía. O tentador de agora é o resultado de uma queda do portador de luz de eras passadas. Jesus, porém, é a Estrela da Manhã que nunca irá cair. Muito mais firme do que o próprio planeta Vênus, de onde veio a expressão estrela da manhã, Ele continua com "olhos como chama de fogo", vigiando-nos e querendo que sejamos vencedores, para que O recebamos em todo o Seu brilho, quando retornar.

As boas-novas do evangelho são as novas de um Jesus que Se deu em sacrifício pelos nossos pecados. No começo de sua epístola aos gálatas, o apóstolo Paulo deixa isso bem claro. Depois de falar sobre "graça a vós outros e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo" aos cristãos daquela comunidade cristã, diz ele a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai" (Gál. 1:3 e 4). Mais adiante, o autor da carta fala de si mesmo como se fosse a única pessoa pela qual Cristo Se entregou, ao dizer: "E esse viver que, agora, tenho na carne, vivo-o pela fé no Filho de Deus, que me amou, e a Si mesmo Se entregou por mim" (Gál. 2:20).

Ao prometer dar-Se à igreja de Tiatira, com o título de Estrela da Manhã, Cristo está prometendo fazer algo que Lhe foi peculiar, quando veio a este mundo. Durante toda a Sua existência, Seus atos eram uma expressão do Seu amor generoso. E a promessa que fez aos vencedores de Tiatira sugere que a cruz não pôs fim ao Seu hábito de dar. Hoje, da mesma forma que antes de Se entregar pelos nossos pecados, exercita-Se em oferecimentos aos Seus fiéis.

Quando meditamos sobre a generosidade de Cristo, não podemos deixar de pensar como o fez o apóstolo Paulo, ao escrever aos coríntios. Relatando-lhes a liberalidade dos macedônios, o apóstolo termina um dos capítulos de seus escritos com um dos maiores agradecimentos imagináveis, ao dizer: "Graças a Deus pelo Seu dom inefável" (II Cor. 9:15). Paulo sempre expôs com muita sabedoria os mais difíceis temas das Escrituras. Para o Dom inefável de Deus, porém, não teve palavras que explicasse. Tudo o que ele procurasse dizer, não seria capaz de traduzir a excelência de Cristo, a brilhante "Estrela da Manhã", concedida aos que O aceitam e participam da Sua vitória sobre o pecado e seu autor.

Deus e o líder cristão

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS

*Secretário ministerial
da Associação Paulista Leste*



O livro de Samuel começa com a experiência de Elcana e suas esposas. "Tinha ele duas mulheres: uma se chamava Ana, e a outra Penina; Penina tinha filhos; Ana, porém, não os tinha" (1 Sam. 1:2). Inconformada com sua esterilidade, Ana se põe a orar insistentemente a Deus, pedindo que lhe dê um filho (vs. 9-18).

Pelo conteúdo do livro de Samuel, o seu início não poderia ser mais apropriado. Ele começa com uma mulher estéril, derramando sua alma perante o Senhor. Ora, angustiada e insistentemente, por um filho. Somente ela sabia o quanto a humilhação sofrida por parte de sua rival Penina a incomodava, bem como a falta que fazia um líder que Deus pudesse usar. Aqui, Ana pode ser vista como um tipo de Israel; com uma diferença: ela faz o que Israel não está fazendo. Espiritualmente estéril, a nação não clamava a Deus por mudanças.

Na Bíblia hebraica, o livro de Samuel encontra-se imediatamente após o livro de Juízes, como se este fosse uma introdução àquele. Notemos como o livro de Juízes termina: "Naqueles dias, não havia

rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (Juízes 21:25). Esse verso resume tudo o que estava acontecendo naqueles dias. Mas enquanto a esterilidade de Ana a incomodava, Israel não parecia muito preocupado, embora sua situação fosse um tanto crítica. Jamais deveríamos, como líderes, ficar conformados com a esterilidade de nossas congregações. Deveríamos clamar para que Deus faça das nossas comunidades estereis agrupamentos férteis, frutíferos.

Ana está clamando. Nem se alimenta. É bom lembrar que, na experiência de adoração em Israel, a comida era um fator importante. Fazia parte da própria adoração. Era uma espécie de celebração da bondade de Deus. Mas Ana está jejuando, não para dobrar ou convencer a Deus, mas para saber o que estava errado no seu relacionamento com Ele. Muitas vezes oramos, não para saber qual a vontade de Deus para nós, mas para que Ele faça a nossa vontade. Com Ana é diferente. Ela quer saber o que há de errado em sua vida. Recusa-se a agir como se tudo estivesse bem. Muitos descrentes pensam que estamos enganando-nos a nós mesmos e, por isso, não se deixam atrair pelo evangelho que pregamos. Ana é sincera. Abre seu coração a Deus, derrama sua alma em adoração.

Eli, o sacerdote

O pedido de Ana por um filho não é um sentimento egoísta. O filho não é somente para ela, mas também para a nação. Conforme se vê, Samuel é, depois de Moisés, um dos personagens mais proeminentes do Velho Testamento. O nome que ela dá ao seu filho é interessante. Existem várias explicações sobre o seu significado, mas todas vão praticamente na

mesma direção. Pessoalmente, prefiro aquela segundo a qual Samuel significa "pedido de Deus". Seu nascimento foi uma resposta direta ao pedido de sua mãe. Ana então o dedicou ao Senhor.

Samuel seria o último dos juízes e o primeiro dos profetas. Ele deveria liderar a transição da teocracia para a monarquia. Dentro desse cenário de transição, há um personagem chamado Eli, de cuja liderança temos muito o que aprender. Não apenas com seus acertos, mas, principalmente, com os seus erros. Enquanto Ana orava, Eli a estava observando. Ele era uma espécie de rei; pelo menos essa é a idéia no relato original hebraico. Seu trabalho era proteger o sagrado na casa de Deus. E enquanto observava Ana orando, a impressão que teve foi a de que ela estava embriagada, e, em sua responsabilidade como vigia da casa do Senhor, advertiu: "Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti esse vinho!" (v. 14).

É uma tristeza quando um líder não sabe diferenciar entre a angústia de alma de uma pessoa e um estado de embriaguez. É bem verdade que nos tempos do Velho Testamento não havia o costume de orar silenciosamente. Esse era um costume dos pagãos. E Ana estava orando dessa forma. No entanto, aquela não era uma oração qualquer, rotineira, que devesse seguir os moldes litúrgicos. Ela estava triste. Chorando. Angustiada. Derramando sua alma perante o Senhor.

O sacerdote não teve sabedoria espiritual para discernir entre uma oração sincera e uma adoração pagã. Uma atitude lamentável. Quando falta discernimento por parte de um líder, o que se pode esperar do povo?

Ana aceitou a orientação de Eli, mesmo sabendo que ela carecia de discernimento. Voltou para casa e continuou seu

relacionamento normal com o esposo. E concebeu Samuel. Deu-o à luz, no tempo aprazado, e após desmamá-lo levou-o ao templo entregando-o ao Senhor, aos cuidados de Eli.

Mensageiro de Deus

Os filhos de Eli – Hofni e Finéias – transgrediram as leis que limitavam a porção dos sacerdotes nos sacrifícios, chegando a exigir a carne antes que o sacrifício fosse oferecido. Como se isso não bastasse, usavam da autoridade que tinham para obrigar as mulheres que serviam no templo a se prostituírem com eles. Tratavam com desdém as coisas de Deus. Para eles, trabalhar para o Senhor, no lugar sagrado, não fazia qualquer diferença. Por isso o filho de Ana iria substituí-los futuramente.

Diante da situação, o menino Samuel foi usado como mensageiro de Deus para advertir o sacerdote Eli: “Disse o Senhor a Samuel: Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos. Naquele dia suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa; começarei e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu. Portanto, jurei à casa de Eli que nunca mais lhe será expiada a iniquidade, nem com sacrifício, nem com oferta de manjares” (I Sam. 3:11-14).

Essa advertência foi comunicada na íntegra a Eli através do menino Samuel e ele reconheceu que vinha do Senhor: “Então, Samuel lhe referiu tudo, e nada lhe encobriu. E disse Eli: É o Senhor; faça o que bem lhe aprouver” (v. 18). Porém, não tomou nenhuma providência.

Segundo os versos 27 a 30, Deus comissiona a um homem o anúncio da ruína dos filhos de Eli. Não sabemos quem é o tal homem, mas Deus o sabe. Embora Eli seja bem conhecido de todos, o Senhor necessita usar um desconhecido para lhe dar uma mensagem. Na censura feita, é dito que Eli estava honrando mais a seus filhos do que a Deus, permitindo, inclusive, que se apropriassem do melhor das

ofertas, deixando para Deus somente o que era desprezível.

Apesar de tudo o que estava acontecendo, Eli ainda era o grande líder. As pessoas ainda o viam como tal, embora estivesse vivendo uma vida vazia. Em seu lugar, ministrava o jovem Samuel. “Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara” (I Sam. 3:1). Havia um silêncio da parte de Deus. Não porque Ele não quisesse falar, ou não pudesse, mas Eli não estava ouvindo. Enquanto isso, Samuel estava quase para ver o Senhor. Deus queria que Samuel se aproximasse de Eli para que este percebesse o que estava acontecendo. Deixara



de falar com Eli, mas falava com Samuel. Deus fala a quem quer ouvir. Não corramos o risco de perder a eternidade por não darmos ouvidos à voz de Deus. Há muitos líderes que estão perdendo a vocação, o ministério, a família e até a salvação, por não ouvirem o conselho de Deus.

É curioso como Eli se mostrou pronto a repreender uma mulher que orava, mas não repreendeu seus filhos, adúlteros e ladrões.

O julgamento divino

Eli não estava sendo cuidadoso com as boas coisas que Deus lhe havia outorgado. Por isso seu sacerdócio não seria para sempre, como o Senhor havia dito. A idéia, no original hebraico, é que seria

eterno até que outra coisa fosse dita. Deus nos tem abençoado com dons especiais e privilégios, como o de trabalhar em Sua Causa. Temos nós lidado sabiamente com essas coisas?

No julgamento que Deus trouxe sobre Eli, uma nação pagã foi utilizada: “Então, pelejaram os filisteus; Israel foi derrotado, e cada um fugiu para a sua tenda; foi grande a derrota, pois foram mortos de Israel trinta mil homens de pé. Foi tomada a arca de Deus, e mortos os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias” (I Sam. 4:10 e 11).

A derrota sofrida por Israel não poderia ser maior e mais vexatória. Além de sofrer uma grande baixa, os dois filhos de Eli foram mortos e ainda perderam aquilo que era o símbolo da presença de Deus com eles: a Arca do Senhor. Quando o mensageiro levou a trágica notícia, Eli caiu, quebrou o pescoço e morreu. Ele era mais culpado do que seus filhos. Poderia tê-los corrigido, mas não o fez. Por isso, Deus não poderia julgar somente os filhos.

Mas as conseqüências daquela tragédia não param por aqui. A nora de Eli teve um filho, cujo nome, Icabode, significa “foi-se a glória”. Diferente de Ana cujo filho tinha um nome que significava “presente de Deus”. Era apenas o início do julgamento divino sobre a casa de Eli.

Deus vê a liderança de Sua obra com muita seriedade. Em quaisquer níveis, precisamos exercê-la com cuidado e santa responsabilidade.

A convivência de Eli com os pecados dos seus filhos resultou no julgamento divino através da morte deles, a brutal matança dos sacerdotes em Nebo, a própria morte do sacerdote e, finalmente, a expulsão de Abiatar do sacerdócio: “Expulsou, pois, Salomão a Abiatar, para que não fosse mais sacerdote do Senhor, cumprindo, assim, a palavra que o Senhor dissera sobre a casa de Eli, em Silo.” (I Reis 2:27).

Eli julgou a Israel durante 40 anos. No entanto, seu trabalho foi maculado pelo sacrilégio dos seus filhos, e pelo fato de não tê-los expulsado de seu sagrado ofício. Deus não pôde deixar impune tal ato. Ele leva muito a sério Seus líderes e o trabalho que realizam.

Conservadores e liberais



Ele é um liberal. Ela é muito conservadora. Não sei o que você pensa, mas ultimamente tenho sentido a inadequação e fatalidade de descrever posições tomadas, teologias defendidas, grupos ou indivíduos, rotulando-os como liberais ou conservadores. O problema é que quando dizemos que alguém é um pouco liberal em seu modo de pensar, isso significa, inevitavelmente, que se trata de uma pessoa perigosa e deve ser evitada.

"Ele é muito conservador" lembra que uma pessoa é rígida, pouco inteligente e censora. Usadas dessa maneira, as palavras são muito mais excludentes e ultrajantes do que descritivas. Elas ferem as pessoas. Ao usar tais palavras, nós tendemos a criar um extremismo comportamental polarizante, que é desnecessariamente separatista. As duas palavras, por si mesmas, são incapazes de iluminar as coisas para qualquer dimensão benéfica. Temos uma necessidade fundamental de ser mais descritivos quando saltamos entre polaridades.

Todos observamos extremos nas pessoas com as quais encontramos. Por um lado há "o nariz arrebitado, lábios comprimidos, compleição pálida, secura e cincunspecção de uns; o riso ou choro fácil, loquacidade, língua solta, extroversão ge-

ral em outros. Há o homem de sistemas rígidos, estóico, fariseu, rigoroso, membro assinado e selado de um partido organizado; e os mais flexíveis, almas informais que abrem portas dia e noite a quase todo visitante", como diz C. S. Lewis, em seu livro *The Pilgrim's Regress*.

Alguém poderia dizer logicamente que os dois polos se completam. Mas por causa do característico egotismo que tende a acompanhar os extremos, ambos são errados, maus, e de modo geral agravam-se e exasperam-se mutuamente. São errados porque seu espírito é negativo e destrutivo da "casa espiritual" (I Ped. 2:5) que Deus está construindo. Agindo em um modelo mutualmente reacionário, eles podem descarregar, como todo pastor sabe, uma marca particularmente forte de estrago na igreja local ou institucional.

Não raro há muito mais significante "verdade" ou "erro" revelados no espírito dos que se digladiam do que no próprio tema da controvérsia. A chave da verdade, ou erro, de uma posição reside tanto na área da atitude como em qualquer linha objetiva do pensamento que poderia ser perseguido. O objetivo do tema subjacente numa disputa pode ser importante, mas o espírito dessa disputa é sempre crucial. É também verdade, entretanto, que quanto mais extrema a posição fatural de alguém, mais provavelmente revelará um espírito desagregador.

Assim, quando os polos virtuais de qualquer tema fixam-se no sul ou no norte, a preocupação do pastor deveria ser evitar as duas pragas. Um pastor simplesmente deve tomar o caminho do equilíbrio. Isso não significa que ele poderia adotar 50% de uma posição e 50% da outra e estabelecer um ponto cético, vago, "em cima do muro", entre as duas. Signifi-

fica que o pastor deve simplesmente buscar mover-se amorável e agregadoramente entre os dois polos, viajando pela estrada indicada pela Palavra e pela sabedoria do Espírito.

As facções defendidas pelo povo da Palestina nos dias de Jesus eram, em princípio, perigosamente similares às do nosso tempo. O Novo Testamento está repleto de numerosos quadros de contensões casuísticas entre facções populares e partidos. Em meio a tudo isso, líderes como Paulo operavam em uma distinta terceira dimensão. Isso foi mais verdadeiro ainda com Jesus. Ele não era fariseu ou saduceu, essênio ou zelota. "O Meu ensino não é Meu, e sim d'Aquele que Me enviou" (João 7:16). A mera atitude de alinhar-se a um certo partido ou filosofia é uma forma, em si mesma, de encorajar uma divisão, freqüentemente desnecessária.

Mas Jesus não Se colocou à distância de qualquer pessoa.

Embora ciente de Seu ambiente, Ele não Se envolveu em batalhas. Se você observá-Lo cuidadosamente, compreenderá que a razão disso era que, mesmo tentado como foi algumas vezes, Ele não aceitou caminhar através dos extremos caminhos da direita ou da esquerda. A verdade é distorcida no momento em que ela é buscada ou conduzida em qualquer dos dois caminhos. A criação física não é exclusivamente branca ou preta; está expressa em miríade de cores. Há uma justiça inata no caminho do equilíbrio. Jesus sabia de onde Ele tinha vindo, Quem Ele era, o que deveria fazer, e para onde iria (João 13:3).

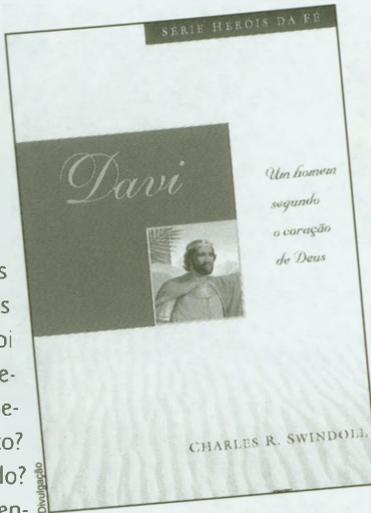
A maneira equilibrada como Jesus agiu é sempre um modelo para os líderes em toda parte, em qualquer tempo. - *Willmore Eva*

DAVI: UM HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

– Charles Swindoll, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, CEP 04602-970 São Paulo, SP; tel. 0800-115074. 367 páginas.

Muitos são os exemplos de grandes homens de Deus na Bíblia, mas apenas um foi considerado “um homem segundo o coração de Deus”. Será que esse homem foi perfeito? Será que foi imune ao pecado? Teria ele, em todos os momentos da sua vida, andado nos caminhos do Senhor, obedecendo-O e agindo segundo a vontade de Deus?

Questões como essas, que interessam profundamente a homens e mulheres de Deus, são discutidas e analisadas por Charles Swindoll, neste livro que explora as muitas facetas da experiência de Davi.

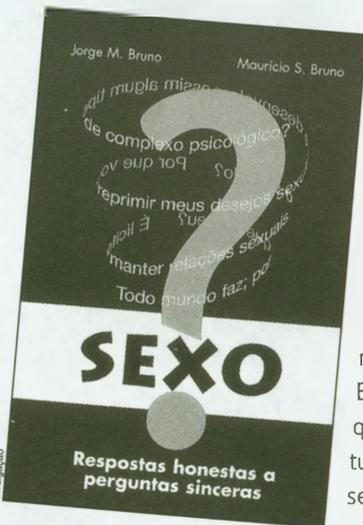


A ARTE DE PREGAR – Robson Moura Marinho, Edições Vida Nova, Caixa Postal 21.486, CEP 04602-970 São Paulo, SP, 192 páginas.

Escrito por um brasileiro especialista na matéria, *A Arte de Pregar* é um excelente guia para a apresentação de mensagens criativas e um verdadeiro antidoto contra sermões que revelam despreparo ou pouca força comunicativa. Todo pregador que quiser aperfeiçoar suas técnicas de comunicação

(tanto verbal quanto não-verbal) encontrará aqui os fundamentos da oratória aplicados à homilética. Eles constituem a vigamestra deste livro, de fácil assimilação e escrito a partir da atmosfera das igrejas brasileiras.

O autor é mestre em Teologia e pós-graduado em Psicologia Organizacional pela Faculdade Brasileira de Recursos Humanos. Atualmente reside nos Estados Unidos, onde cursa o doutorado em Filosofia nas áreas de Comunicação e Educação; na Universidade Andrews.

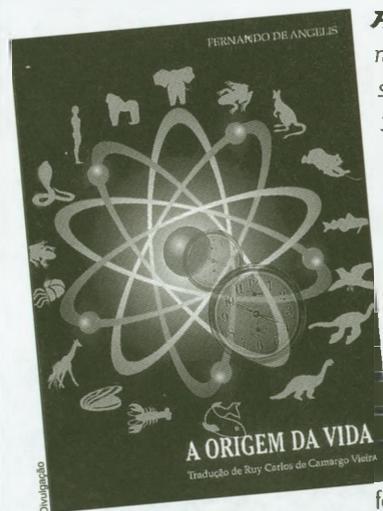


SEXO: RESPOSTAS HONESTAS A PERGUNTAS SINCERAS – Jorge M. Bruno e Maurício S. Bruno, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-000 Tatuí, SP; 256 páginas.

Nesta obra, Jorge M. Bruno e seu pai, Maurício S. Bruno, dão respostas às inquietações sexuais da juventude cristã moderna, que está sendo sacudida por uma constelação de conceitos e

idéias liberais através do rádio, da televisão, do cinema, da música e literatura. Se somarmos a isso a influência negativa do grupo e das amizades, o resultado é que esses conceitos e idéias afetam a faculdade de discernimento de muitos cristãos, especialmente dos jovens, que acabam confundindo liberdade com libertinagem.

Não é apenas indispensável aos jovens, mas a pastores e líderes que precisam aconselhá-los em cursos pré-matrimoniais ou mesmo no dia-a-dia.



A ORIGEM DA VIDA – Fernando de Angelis, Editora Unisa, Rua Isabel Schmidt, 349 Santo Amaro; CEP 04743-000 São Paulo, SP, 93 páginas.

Neste livro, o autor explica, de forma completa e científica, como através dos séculos teorias contraditórias sobre a origem da vida se desenvolveram em diferentes áreas do conhecimento humano. Descreve também como tais teorias foram rejeitadas ou incorporadas ao nosso modo de pensar moderno. Este livro é um desafio que leva à reflexão. Deverá ser de especial interesse para cientistas que ponderam sobre a questão da origem da vida, e de fundamental importância para pastores, professores e estudantes de ciências naturais, filosofia e teologia.



16-23/01
2000

**Seminário para Professores de
Educação Religiosa,
Capelães e Preceptores de
Instituições Educacionais**

Local: Campus 1

I N S T I T U T O
 A D V E N T I S T A
D E E N S I N O

Estrada de Itapecerica, 5859 Jardim IAE, São Paulo - 05858-001

Fone: (011) 5821-5000 Fax: (011)5821-7888

Home Page: www.iae-sp.br e-mail: arlis@iae-sp.br

Realização:



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Departamentos de Educação da
Associação Geral
e Divisão
Sul-Americana